

GEOGRAFIA KRAHÓ



PJÊ KÂM AMPO ITAJÊ NÃ CARÕ

Francisco Edviges Albuquerque (Org.)

Pontes

Geografia Krahô

Pjê Kãm ampo itajê nã carõ

Francisco Edviges Albuquerque (Org.)



2014



Reitor

Márcio Antônio da Silveira

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários - PROEX

George França dos Santos

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESQ

Waldecy Rodrigues

Diretor do Campus de Araguaína

Luiz Eduardo Bovolato

Coordenação do Projeto de Educação Escolar Indígena Krahô Bilingue e Intercultural

Francisco Edviges Albuquerque

Diretora de Formação de Professores da Educação Básica / CAPES

Carmem Moreira de Castro Neves

Coordenação Geral de Programas de Valorização do Magistério CGV/DEB/CAPES

Helder Eterno da Silveira

Coordenação Regional/FUNAI/ Palmas

Cleso Fernandes de Moraes

Chefe do NPPDS/FUNAI/ Palmas

Corina Maria Rodrigues Costa

Coordenação Técnica da FUNAI/ Itacajá

Francisco Hyjnõ Krahô

Diretoria Regional de Gestão e Formação de Pedro Afonso

Maria de Fátima Câmara

Líder de Grupo de Trabalho de Educação Indígena/SEDUC

Aldeli Mendes Guerra

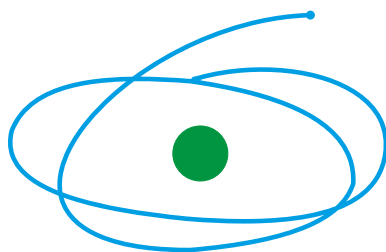
Geografia Krahô

Pjê Kãm ampo itajê nã carõ

Francisco Edviges Albuquerque (Org.)

Projeto de Educação Escolar Indígena Krahô Bilingue e Intercultural

A publicação deste livro foi viabilizada com apoio do Programa do Observatório da Educação, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES / Brasil - Edital 049/2012/OBEDUC - Projeto 11395.



C A P E S

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Capes / Brasil

Apoio:



PROEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários
PROPESQ - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
LALI - Laboratório de Línguas Indígenas / Campus de Araguaína
NEPPI - Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas / Campus de Araguaína.

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão - Campinas - SP - 13070-056
Fone 19 3252.6011 - Fax 19 3253.0769
ponteseditores@ponteseditores.com.br
www.ponteseditores.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Geografia Krahô. Francisco Edviges Albuquerque (Org.)

Campinas/SP : Pontes Editores, 2014, 108 p.

ISBN: 9788571135703

1. Educação Escolar Indígena – Krahô – Geografia – 371.32

2. Diversidade Cultural – Interculturalidade – 306

I. Francisco Edviges Albuquerque (Org.).

II. Título.

Impresso no Brasil - 2014

A organização deste livro contou com a participação dos professores bolsistas da Educação Básica da Escola 19 de Abril, Rosivânia Freitas Teixeira, professora de Geografia, Roberto Cahxê Krahô e Alissom Almeida dos Santos, aluno de Geografia e bolsista do Programa de Bolsa Permanência UFT / LALI.

Todos os direitos reservados aos Krahô: Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio de processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, internet, notebook. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, cf. Lei no 6.895, de 17/12/80) com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (art. 102, 103 parágrafo único, 104, 105, 106 e 107 itens 1, 2 e 3 da Lei nº 9.610 de 19/06/98. Lei dos Direitos Autorais).

Professores Indígenas Krahô colaboradores do Projeto:	André Pôhtât Krahô, Ariel Pepha Krahô Carmem Lúcia Krahô, Carmem Lúcia Nããkrýt Krahô, Daniel Rêj Krahô, Diana Caxât Krahô, Dodanin P Krahô, Gelma Kôjkwa Krahô,Guilherma Xâh Krahô, Leonardo Tupên Krahô, Ovídio Krahô, Renato Yahé krahô, Roberto Cahxêh Krahô , Simone Crowley Krahô, Tais Pôcuhtô Krahô
Alunos Indígenas autores dos textos e desenhos:	André Pôhtât Krahô ,Batista Pôhy Krahô, Carmem Lúcia Krahô, Carmem Lúcia Nããkrýt Krahô, Débora Intohhóc Krahô, Devair Tortot Krahô, Diana Caxât Krahô, Dodanin Krahô, Dodanin Wôôcô Krahô, Edilson Kênyawên Krahô, Edinaldo Kêêxý Krahô, Edinaldo Pirca Krahô, Helena A. Krahô, HohKwýj Krahô, Joanhina Krahô, José Krahô, José Messias Krahô , José Messias Pêêhà Krahô, Jucilene Mĩixà Krahô, Kapêr Kô Krahô, Karina Hôhkwýj Krahô, Karina Krahô, Kônry Krahô, Leonardo Tupên Krahô, Luciano Caprân Krahô, Magayve Xôhxô Krahô, Marcela Pahnajêh Krahô, Marcia Krãjarê Krahô, Márcia Pryhkwýj, Marciana Wôprêp Krahô, Marcos Rôrehhó Krahô, Maria Rosa Amxôkwýj Krahô, Mário Ahkohxêh Krahô, Mateus Xoocô Krahô, Matilde Krahô, Meiridalva Côhhóc Krahô, Natália Caxêkwýj Krahô, Natália Krahô, Natália Kratihkwýj Krahô, Ovídio Krahô, Pahnajêh Krahô, Rafaela Hoký Krahô, Raquel Krahô, Rayana Krãcrê Krahô, Reinaldo Krahô, Roberto Cahxêh Krahô , Rogério Xiprô Krahô, Ronaldo Xyký Krahô, Sandra K. H. krahô, Sharlene Cahâhtu Krahô, Sharlene Krahô, Simone Crowley Krahô, Tais Pôcuhtô Krahô, Tiago Capêrkà Krahô, Tiago Capêr kô Krahô, Wacmê Krahô, Wagner Katamy R.S. Krahô-Kanela, Wilson Parkâmpe Krahô, Xyký Krahô, Zacarias Rêj Krahô
Professores Indígenas Krahô Revisores:	André Côhtât Krahô, Ariel Pepha Krahô, Dodanin Krahô, Gelma Kôjkwa Krahô, Guilherma Xah Krahô, Ovídio Krahô, Tais Rôcuhtô Krahô, Roberto Cahxêh Krahô Krahô e Renato Yahé Krahô.
Assessoria Linguística:	Francisco Edviges Albuquerque.
Equipe do Projeto:	
Coordenação:	Francisco Edviges Albuquerque.
Professores Colaboradores:	Miguel Pacífico Filho, Sinval de Oliveira e Thelma Pontes Borges.
Bolsistas de Graduação:	Agnaldo Araújo de Sousa, Ana Beatriz Sena da Silva, Danilo Soares de Souza, Marcos Dione da Silva, Marcela Pereira de Assis, Mariana Sampaio da Silva e Tatiane Pereira de Oliveira
Bolsista de Doutorado:	Marcilene de Assis Alves Araújo.
Bolsistas de Mestrado:	Aurinete Silva Macedo e Marília Fernanda Pereira leite.
Professores Bolsistas da Educação Básica:	Dilma Mendes de Souza, Éria Alves da Silva, Patrícia Tavares Pinheiro Miranda, Renato Yahé Krahô, Roberto Caxêh krahô e Rosivânia Freitas Teixeira.
Capa:	Daniel Rêj Krahô
Diagramação e Digitação:	Wagner José Pires
Revisão:	Francisco Edviges Albuquerque.
Adaptação Gráfica:	Wagner José Pires



CONSELHO EDITORIAL

Clarissa Menezes Jordão (UFPR – Curitiba)

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG – Belo Horizonte)

Maria Luisa Ortiz Alvarez (UNB – Brasília)

Edleise Mendes (UFBA – Salvador)

Eni Puccinelli Orlandi (Unicamp – Campinas)

Angela B. Kleiman (Unicamp – Campinas)

José Carlos Paes de Almeida Filho (UNB – Brasília)

Apresentação

A temática da Interculturalidade está na ordem dos debates atuais e vem adquirindo cada vez mais visibilidade. Nesse contexto, a Educação Escolar Indígena, amplamente amparada por normas e Leis tanto no âmbito nacional quanto internacional, está no centro das discussões. Na esfera dessas determinações se impõe o **PROJETO DE NÚCLEO** (Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas-NEPPI). Vinculado ao Laboratório de Línguas Indígenas LALI/UFT, atua também na **Educação Escolar Indígena Krahô, na Perspectiva Bilíngue e Intercultural** sob coordenação do Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque, através do Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena/CAPES/INEP/UFT.

Nessa perspectiva, os processos educacionais enfrentam o desafio imposto pelas questões relativas à interculturalidade, enfrentando sua incidência, tanto no que tange aos sujeitos que constituem as redes e teias de relações presentes na dinâmica escolar, quanto no âmbito das produções de materiais didáticos e de apoio pedagógico, estendendo-se também à problemática acerca dos conhecimentos escolares e não escolares e às práticas pedagógicas que os sustentam.

Nesse cenário, expande-se também a imperiosa necessidade de produção de material que possa auxiliar professores e professoras no exercício da docência em ambientes culturalmente complexos, como é o caso das comunidades indígenas Krahô no noroeste do Estado do Tocantins. Identificando uma lacuna permanente e a necessidade de enfrentamento, o Professor Francisco Edviges Albuquerque, em ação conjunta, organiza e traz a público o **“Livro de Geografia Krahô”**, que ora apresentamos.

Com uma linguagem clara e de fácil assimilação, o livro traz uma contribuição ímpar no cenário intercultural dos professores indígenas das Comunidades Indígenas Krahô. A importância se amplia na medida em que se percebe o teor colaborativo e participativo do livro, pois foi uma realização conjunta e interdisciplinar entre o organizador do mesmo e os indígenas. Isso porque os textos que compõem o livro são de autoria dos indígenas, sob a supervisão do Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque e por estarem escritos na língua materna, a Língua Krahô, e em Português, assume uma relevância ainda maior. Outro aspecto crucial é o fato de os textos estarem ilustrados pelos próprios indígenas, o que contribui para divulgação de uma arte em constante evolução, a arte dos indígenas brasileiros.

Com uma gama de textos muito elucidativos, o **“Livro de Geografia Krahô”** é um marco inicial de uma sequência de outras publicações interdisciplinares que vem por aí, com destaque para os **“Livros de História Krahô e Português Krahô”**. Com esse material, professores e alunos indígenas Krahô terão em mãos um excelente material de apoio pedagógico e didático que os auxiliará na empreitada cotidiana da sala de aula da aldeia indígena. Afinal o contexto intercultural onde se inserem, por sua complexidade, requer que o ensino e a aprendizagem pautem-se nos pressupostos do diálogo intercultural, e isso é evidente no livro.

Na primeira parte, inicialmente o livro traz um *Mê hĩ jôh Pytwy* (Calendário Indígena), bilíngue em Krahô/Português, com informações preciosas sobre a vida na aldeia, escrito e ilustrado pelos próprios indígenas.

O Texto de **Ovídio Krahô “Distribuição de Alimentos Produzidos na Roça”** é um importante registro de alguns aspectos da vida indígena Krahô, resgatando fazeres e afazeres das atividades de cultivo da terra no contexto indígena. Escrito por **Edinaldo Pirca Krahô “Reuniões no Pátio”** destaca atividades do grupo em momentos de agrupamento dos líderes da comunidade para tratar de assuntos que é de interesse geral. Descreve, sucintamente, procedimentos que se iniciam ao amanhecer, na aldeia (mas também pode ocorrer ao anoitecer, depois da lida), quando os mais velhos, adultos e jovens

se reúnem no pátio para discutirem sobre o trabalho na roça, o capinar ao redor da casa, pescar, caçar, realizar casamento, cantar, fazer as festas, enfim, aponta, discute e busca solução para os problemas da comunidade.

Por fim, o **“Livro de Geografia Krahô”** traz para o estudante indígena, ou para qualquer pessoa que se interesse pela temática da interculturalidade, como é uma **“Aldeia Krahô”**, como são as **“Cantorias no Pátio”**, dentre outras atividades que secularmente perpassam o viver indígena Krahô e sua complexidade, sempre atento aos fazeres e saberes que constituem essa instigante **“Tribo Indígena”**, que em detrimento da situação de contato com outras culturas, mantém suas singularidades, se firmando como patrimônio cultural do Brasil em sua riqueza e diversidade. Parabéns ao Professor Dr. Francisco Edviges Albuquerque por mais essa publicação que, com certeza, será um marco histórico na Educação Indígena Krahô.

Severina Alves de Almeida – SISSI

Rosineide Magalhães de Sousa

Sumário

O Ensino de Geografia na Educação Escolar Indígena Krahô: uma perspectiva intercultural	11
Mê hĩ jōh Pytwỳ - Calendários Indígenas	19
Distribuição de Alimentos Produzidos na Roça	28
Reuniões no Pátio.....	29
A aldeia	30
Catãmjê mẽ Wacmêjê	31
Catãmjê mẽ Wacmêjê Jarẽn xà.	32
Aldeia	33
Cantoria no Pátio.....	34
Reserva Indígena	35
Comércio	36
Reserva Indígena	37
Escola	38
Agricultura Krahô	39
As Reservas Indígenas	40
Cidade	41
Pátio.....	42
Pátio da Aldeia.....	43
Agricultura Krahô	44
Roça.....	45
Roça de Toco.....	46
Cidade	47
Cidade	48
Escola Indígena.....	49
Os Animais da Reserva.....	50
Meio Ambiente	51
Meio Ambiente	52
A Escolha da Liderança Feminina	53
Mata e Árvores das Terras Krahô.....	54
Cuhy Pôc Jarẽn Xà.....	55
Ampo hy Kre Xà	56
Cô	57
Cuhy Pôc.....	58
Cuhy Pôc Jarẽn Xà.....	59
Família	60
Mê ipam jê.....	61
Krahô Jō Irom mẽ Ahkêt.....	62
Mata e Árvores - Irom mẽ pĩ.....	63
Matas e Árvores de Nossa Terra	64
Cyhy Pôc.....	65
Queimadas.....	66
Hidrografia	67
A Importância do Pátio	68
O Pátio	69

Família	70
As Frutas que Existem na Reserva	71
A Aldeia	72
Energia Elétrica.....	73
Construção de Casas Krahô.....	74
Construção das Casas	75
Meio Ambiente	76
Queimadas.....	77
Agricultura	78
Reserva Indígena Krahô	79
Compras na Cidade.....	80
Roças de Toco	81
A Agricultura Sustentável: Uma Opção Inteligente.....	82
O Meio Ambiente	83
A Pesca com Tingui.....	84
Geografia Agrária	85
Geografia Cultural.....	86
Geografia Urbana	87
Hidrografia Krahô	88
Tipos de Solo da área Krahô	89
História dos povos indígenas do Tocantins	90
Hidrografia da Reserva Krahô.....	92
Bacuri (Cūmxê)	93
Araça (Tegràjre).....	94
Mangaba (Apên).....	95
Caju	96
Tucum rasteiro (Ronre)	97
Distribuição dos Alimentos Produzidos na Roça	98
Aquecimento Global	99
Aquecimento Global	100
Aquecimento Global	101
O Aquecimento Global.....	102
Aquecimento Global	103
Aquecimento Global	104
Os Rios e Córregos da Reserva Krahô.....	105
Mata Alagada - Reserva Indígena Krahô-Kanela	106
Referências bibliográficas	107

O Ensino de Geografia na Educação Escolar Indígena Krahô: uma perspectiva intercultural

Alisson Almeida dos Santos¹

Francisco Edviges Albuquerque²

Introdução

Esse trabalho é fruto do Programa do Observatório da Educação Escolar indígena/CAPES/UFT/INEP/Edital 049/2012/OBEDUC. Projeto 11395 e tem por objetivo propiciar uma breve reflexão sobre o ensino de Geografia Indígena, bem como as práticas pedagógicas que se apresentam no ensino de Geografia nas escolas Krahô. Além disso, mesmo sendo um estudo de base teórica e empírica visa a apontar a importância de ensino de Geografia nas escolas desse povo, bem como despertar o pensamento geográfico para os jovens Krahô.

Sabe-se que, Geografia é a ciência que estuda o espaço, este, por sua vez, é percebido pelas paisagens, lugares e territórios, produzidos e modificados ou não, a partir da relação da sociedade – *natureza* – sociedade. Logo, a Geografia está presente no cotidiano dos povos indígenas. É sabido que o surgimento da Geografia enquanto ciência e seu uso como disciplina pedagógica se deram em diferentes momentos históricos.

Contudo, as práticas pedagógicas em do ensino de Geografia, desde a institucionalização da ciência como disciplina do ensino básico, vem sendo o objeto de incansáveis reflexões teórico-metodológicas, de modo que se possa alcançar e otimizar as ferramentas pedagógicas do ensino de Geografia.

Também, é percebido esse esforço intelectual na educação escolar indígena, mais ainda que a educação não indígena devido às peculiaridades culturais, linguísticas e sociais dos povos indígenas. Posto isto, nosso trabalho tem por intuito desempenhar uma breve reflexão no tocante ao ensino e as práticas pedagógicas em Geografia nas escolas indígena Krahô.

Para isso, reportamo-nos à história e aos referenciais bibliográficos para que possamos periodizar epistemologicamente a ciência geográfica e seu surgimento no ensino escolar. E assim, também, possamos a observar, entender e explicar o ensino de Geografia nas escolas indígenas Krahô, bem como apontar novas ferramentas pedagógicas para se ensinar a Geografia.

Geografia: conceito e epistemologia:

A Geografia se propõe a estudar e explicar os fenômenos naturais (geografia física) e humanos (geografia humana), que se manifestam na superfície da terra, as relações sociais, a correlação do homem com a natureza e as paisagens resultantes de todas essas relações. Desde os primórdios, o homem se preocupa em entender o meio em que ele vive. Assim, a geografia surge para contribuir nesse entendimento.

Cabe à geografia, estudando as relações entre a sociedade e a natureza, analisar a forma como a sociedade atua, criticando os métodos utilizados e indicando as técnicas e as formas sociais que melhor mantenham o equilíbrio biológico e o bem-estar social [...]. Daí admitirmos que a Geografia é eminentemente uma ciência social, uma ciência da sociedade. (ANDRADE, 1987, p. 30).

¹ Bolsista do Programa de Bolsa Permanência da UFT/LALI.

² Coordenador do Programa do Observatório da Educação Escolar indígena/CAPES/UFT/INEP/Edital 049/2012/OBEDUC. Projeto 11395.

Portanto, a Geografia procura entender e explicar o espaço, ao mesmo tempo em que busca soluções para os problemas expostos pelas sociedades e pela natureza. Podemos dizer, pois, que a geografia está em toda parte; nas cidades, no campo, nos rios, nas montanhas, nas chuvas, no deserto, na floresta, nas relações internacionais e até nas guerras. Sem que percebamos, olhamos para uma paisagem ou uma situação com um olhar e/ou um “pensar” geográfico.

Não devemos considerar que antes da Geografia se tornar ciência autônoma, não havia estudos geográficos. Desde a pré-história, a Geografia vem sendo aplicada, porém sem uma sistematização e organização metodológica científica. Há cavernas no continente África com pinturas rupestres que retratam paisagens naturais, como animais e, atividades sócio-espaciais primitivas, tais como a caça.

Admitindo-se como povos primitivos aqueles que viveram na pré-história, sem conhecimento da escrita, somos forçados a admitir que eles, vivendo na superfície da Terra, dela retirando seu sustento e tendo concepções, já tinham ideias geográficas. [...]. Ao falarmos em povos primitivos, considerando-os como os que viveram na pré-história, vemos que eles, mesmo sem possuírem a escrita, transmitindo os conhecimentos através da versão oral e dos desenhos em rochas e em cavernas, passadas de geração a geração, tinham uma concepção de vida e uma cultura, ambas impregnadas de ideias geográficas. (ANDRADE, 1987, p. 20)

Ainda na antiguidade, porém um pouco adiante dos povos primitivos das cavernas. As civilizações da Mesopotâmia e Egito, também tinham concepções geográficas, pois, como se tratavam de civilizações agrícolas e dependentes do sistema de irrigação o pensamento geográfico se insere nesse contexto com o sentido prático. Estudos da hidrografia foram feitos para que se fosse aumentado a produção de gêneros alimentícios nessas civilizações.

Os gregos, na tida como antiguidade clássica, deram relevantes a significativas contribuições ao pensamento geográfico. A ciência geográfica, assim como a sociologia, artes, filosofia, física, cosmologia e etc, teve como berço epistemológico a Grécia antiga. Nesse contexto histórico começou-se a se fazer as descrições físico-espaciais, como a distribuição das chuvas, entre outras características naturais da superfície da terra. Assim;

Ao mesmo tempo em que se ampliava o conhecimento do espaço geográfico, aguçando a pesquisa dos sistemas de relação entre a sociedade e a natureza – sistemas agrícolas, técnicas de uso do solo, relacionamento entre as cidades e o campo, relações entre as classes sociais e entre o Poder e o povo -, desenvolvia-se também a curiosidade sobre as características naturais, os sistemas de montanha, os rios com os seus variados regimes, a distribuição das chuvas, a sucessão das estações do ano etc. (ANDRADE, 1987, p. 24).

O fim do nomadismo e a fixação do homem fizeram surgir os primeiros aglomerados considerados cidades, carregados de suas complexidades, assim, a filosofia tida como a mãe de todas as ciências, não mais conseguia explicar a sociedade que acabara de se formar, fez-se desse modo, surgir o pensamento geográfico propriamente dito, porém, sem a organização e sistematização científica, nos moldes que o temos atualmente.

Podemos considerar, também, que na idade média os estudos geográficos estavam presentes, com importantes avanços técnicos, mas com poucos avanços teórico-metodológicos. A idade média foi marcada pela grande influência da igreja na sociedade vigente. De certo modo, na idade média as ciências, de modo geral, se cristalizaram.

Desse modo, de acordo com Andrade (1987), a evolução do pensamento geográfico na idade média sofreu uma descontinuidade com relação a antiguidade. Contudo, pode-se dizer que as grandes viagens medievais deram ao conhecimento geográfico avanços significativos, sobre tudo com relação ao conhecimento da dinâmica dos ventos, das direções e intensidades das correntes e das condições climáticas. (ANDRADE, 1987).

Com o fim da idade média, a humanidade entra no período moderno. O sistema capitalista de

produção começa a se firmar, e assim, tornando a sociedade ainda mais complexa. O período moderno foi marcado pelas suas grandes expedições marítimas as quais tinham como objetivo intercambiar mercadorias além-mar. Entretanto, sabe-se que o objetivo principal das expedições marítimas foi a expansão da dominação e do território Europeu.

Andrade (1987) destaca a importância das expansões da Idade Moderna para o conhecimento geográfico;

A grande revolução para o conhecimento geográfico na Idade Moderna foi a expansão do espaço conhecido, a dominação da configuração da Terra e a rejeição de uma série de ideias e crenças a respeito de sua superfície. [...] A expansão do território conhecido repercutiu primeiro sobre a cartografia, que foi modificada e aperfeiçoada. As noções de latitude e longitude, muito imprecisas e incorretas nos mapas antigos e medievais, ainda largamente usados, foram corrigidas e nelas introduzidas um novo continente, a América. [...] (ANDRADE, 1987, p. 42-43)

Coloca-se que o surgimento dos mapas como um grande marco na epistemologia da ciência geográfica. O mapa é uma ferramenta primordial para a Geografia. A história reporta que os primeiros mapas foram confeccionados na Mesopotâmia. Contudo, foi no século XVI, com as grandes navegações, que tivemos significativos avanços cartográficos e, conseqüentemente, geográficos.

Na contemporaneidade a Geografia ganha autonomia enquanto ciência social. Foram muitos os estudiosos que se dedicaram a geografia, dentre os quais podemos destacar; Alexander Von Humboldt (geografia física) e Karl Ritter (geografia humana), ambos os alemães se dedicaram assiduamente aos estudos geográficos, Humboldt com estudos envolvendo espectros físicos, a natureza, e Ritter dando destaque em seus estudos a relação homem-natureza.

Admite-se que a geografia se tornou uma ciência autônoma a partir do século XIX, graças aos trabalhos dos geógrafos alemães Alexander von Humboldt e Karl Ritter, e foi no século XIX que surgiram ou ganharam autonomia as demais ciências sociais. (ANDRADE, 1987, p.18)

Por isso, é unânime entre os geógrafos considerá-los os percussores da geografia moderna. Humboldt lançou diversas bases para a geografia física, como o conceito de climatologia, provavelmente conceito criado por ele. Ele se considerava um viajante cientista, pelo fato de que suas viagens sempre tinham fins científicos.

De fato, a Geografia que temos hoje emana de modificações e aperfeiçoamentos teórico-metodológicos desde a antiguidade, com os primitivos retratando as relações e paisagens com a pintura, passando pela Grécia antiga, até os dias atuais, com o capitalismo em exceção e a humanidade tentando entendê-lo e explicá-lo.

Institucionalização da geografia

Estudos, que reportam a institucionalização da Geografia enquanto disciplina pedagógica da educação básica no Brasil, são escassos, se considerarmos o primeiro século de colonização brasileira pelos portugueses. Sabe-se que os jesuítas, em 1549, sob direção do padre Manoel de Nóbrega, foram os primeiros a introduzirem o ensino na então colônia de Portugal, eles tinham como objetivo educar os colonos e os nativos. Manoel de Nóbrega “elaborou um plano que traçava as linhas gerais da educação na colônia: ‘Levando em conta as peculiaridades da colônia [...]’”. (SAVIANI apud SOUZA e PEZZATO, p.76-77).

Mais tarde, José de Anchieta assume o posto de Nóbrega, o qual promove modificações no já existente plano de instrução, usando elementos da cultura indígena para otimizar a aceitação da filosofia católica por parte dos nativos. Na verdade, o ensino deveu-se sob o propósito da catequização dos índi-

genas.

De acordo com Souza e Pezzato (2010), nesse momento da história o pensamento geográfico se restringia a poucos, ainda que de maneira acanhada e com nenhum propósito científico, alguns cronistas produziam trabalhos literários sobre alguns temas relacionados a geografia.

Mais tarde, com a expulsão dos jesuítas pelo Marques de Pombal, mais uma vez, houve uma relevante mudança nas diretrizes sob as quais de dava o ensino da colônia, criaram-se as aulas régias.

Mesmo, porém, com grandes mudanças no que tange a organização e os métodos de ensino, o conhecimento geográfico ainda era restrito a instituições públicas e a exploradores, chegando às escolas apenas imagens vagas do que seria o território brasileiro. Em decorrência da vinda de muitos 'cientistas' europeus ao Brasil, começou a haver alguma mudança da produção de conhecimento geográfico no país. Mesmo que esparsos e sem objetivo metodológico científico, a maior parte desses trabalhos era realizada para satisfazer os interesses do Estado. (SOUZA e PEZZATO, 2010, p.78)

Anos mais tarde, em 1832, a Geografia foi, finalmente, colocada no currículo do sistema escolar brasileiro. Isto é, porém, como disciplina secundária. Foi com a criação do Imperial Colégio de Pedro II que a geografia adquiriu no currículo escolar oficial brasileiro o estatuto de disciplina autônoma. (Ibidem, p.79)

O movimento escolanovista trouxe ao país significativas reformas e avanços educacionais. Essa revolução afetou o ensino de geografia, tendo com destaque obras de Delgado de Carvalho. Desse modo, o ensino de geografia baseava-se na decoreba, havia um grande excesso de informações e memorização dos aspectos físicos ou humanos que compunham o território nacional e global.

O período de 1934-1940 pode ser colocado como de grande importância no que se refere ao avanço do conhecimento científico e do ensino de geografia no Brasil. A fundação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, assim, criou-se o primeiro curso superior de geografia. Outro marco importante desse período foi a implantação do primeiro curso de formação de professores de geografia.

Por fim, chegamos na aprovação da primeira LDB, Lei de diretrizes e bases da educação nacional em 1961, essa lei se caracterizou;

[...] por ser inspirada em princípios de liberdade e de ideais de solidariedade e, concomitantemente discorreu como finalidades da educação a compreensão de direitos e deveres desde a pessoa humana aos mais diversos grupos que constituem a comunidade, o respeito à dignidade e as liberdades indispensáveis ao homem, o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional, o desenvolvimento por completo da personalidade humana e a sua participação no fazer do bem comum, a preparação do indivíduo e da sociedade para o domínio das ferramentas científicas e tecnológicas, a difusão e a manutenção do patrimônio cultural e por fim, a condenação de qualquer tratamento desigual, bem como quais quer tipos de preconceitos de classe ou raça. (SILVA e FILHO)

Portanto, com o decreto de lei que originou a primeira LDB, a educação passa a ser direito de todos e dever do estado, inserindo, também, a família como agente importante no processo de ensino e aprendizagem, na formação de um cidadão, pensante, criativo, solidário e cooperativo. Por outro lado, a LDB de 1996, se tratando de questões pedagógicas, não muito se diferencia da lei de 1961. Nesta, é colocado que educação tem como objetivo o desenvolvimento do aluno, a sua preparação para exercer cidadania e sua preparação para a entrada no mercado de trabalho, onde estas finalidades deverão seguir os princípios de liberdade e ideais de solidariedade humana.

Enfim, compreendido a periodização e os grandes marcos da educação no Brasil, a partir de 1500, ano de seu descobrimento, até a atualidade, podemos entender os meios que nos trouxeram até aqui, em relação a educação de um modo geral e ao ensino de geografia. Portanto, hoje, a geografia que temos no ensino básico deve-se a um conjunto fatores. A geografia faz parte do cotidiano do aluno, as-

sim sendo, torna-se uma disciplina pedagógica primordial, ela faz com que a criança procure entender o funcionamento dos mecanismos sócio-espaciais, fenômenos naturais e humanos, entendendo o meio no qual ele está inserido.

Geografia Indígena:

Sabe-se que a Geografia e o conhecimento geográfico se fazem presentes em toda parte; a geografia, fenômenos naturais e humanos os quais compõem a superfície da Terra; e o pensamento geográfico, na compreensão das relações homem-homem e homem-natureza. Assim, A Geografia é o espaço produzido pelo homem e pela natureza, diferentes territórios, lugares e paisagens. Contudo, cada sociedade tem seu modo de vida particular e com maneiras singulares de compreender-se e interpretar essas relações, seu próprio pensamento geográfico.

Entre povos indígenas, podemos observar o uso de conhecimento geográfico, noções de espaço e localização, entretanto, empírico e sem nenhuma pretensão científica, restringindo-se predominantemente a aspectos funcionais.

Deste a colonização brasileira, os indígenas que aqui viviam e ainda vivem já mostravam um certo conhecimento geográfico com relação ao espaço no qual eles habitavam, o espaço vivido, o Brasil. Nesse sentido, a história aponta a importância do conhecimento espacial que os indígenas dispunham na colonização do território brasileiro. Nesse contexto histórico, os colonizadores como não conheciam as terras recém descobertas usavam o indígena como guia, de modo que assim fosse facilitado a entrada mata a dentro para a exploração.

Outro ponto a ser colocado com relação ao conhecimento geográfico/espacial dos indígenas é o fato de que houve uma difícil sujeição dos nativos ao trabalho escravo. Dado o conhecimento territorial, da floresta, assim, das rotas de fugas, o índio era propício a fuga continuamente.

Assim sendo, podemos afirmar que os povos indígenas brasileiros dispõem um conhecimento geográfico, ao se relacionarem uns com os outros e ao tirarem da natureza, com o seu trabalho, os meios para sua sobrevivência, eles produzem seus territórios, identidades, significados, culturas e raízes. Por exemplo, para que se possa caçar é necessário que se tenha um conhecimento territorial da floresta, sabendo onde estão certos tipos de animais e em qual quantidade.

Do mesmo modo, outro exemplo, para que se tenha uma boa colheita é necessário que se plante em solo fértil e em determinadas épocas do ano, daí a importância da do conhecimento da Geografia. Além de conhecer os períodos chuvosos propícios ao cultivo é necessário, também, que se saiba onde estão os solos cultiváveis. A agricultura é uma das principais atividades econômicas dos povos indígenas, ela, por sua vez, caracteriza-se pelo pouco emprego de tecnologia, com utensílios de manejo rústicos de baixo impacto ambiental.

Para compreender o mundo ao seu redor, os indígenas se reportam ao conhecimento geográfico; as relações com outros povos, indígenas ou não indígena, a maneira com que se apresenta o trabalho na natureza e, se for o caso, a forma com a qual se comercializa o artesanato ou o excedente produzido na agricultura, enfim, são tantas as situações onde é percebido o emprego do conhecimento geográfico. A espacialização de tudo que há na floresta, animais, plantas, montanhas, rios etc., se faz com o conhecimento geográfico.

A noção de espaço envolve não só as ações de uso e modificação do lugar e suas paisagens, mas a relação afetiva, o imaginário, a visão de mundo. Para os povos indígenas e alguns outros povos do mundo, o espaço geográfico é um espaço sagrado, construído em íntima relação sociedade/natureza. O elemento definidor dessa construção é a cultura, o trabalho, a forma de apropriação do espaço. (RCNEI, 1998, p. 226)

Em regra geral, os povos indígenas tiram da natureza seu sustento; caçando, coletando frutas silvestres, pescando e plantando seus alimentos, isto é, atividades que possibilitam uma estreita e recíproca relação com a natureza. Essa relação sociedade/natureza produz cultura, identidade, significados e raízes. A territorialidade indígena se faz dessa forma. Em resumo, o conhecimento geográfico se manifesta nas mais diversas formas. E nas sociedades indígenas de maneira peculiar, a julgar pelas relações de apropriação e trabalho desempenhadas por essas sociedades nos espaços geográficos. Pouca ou nenhuma acumulação de capital e as atividades que causam a natureza irrisórios danos são características dos povos indígenas.

Geografia escolar Krahô

A educação nas escolas indígenas tem sido, nos últimos anos, objeto de importantes reforços e reflexões teórico-metodológicas. Para que entendamos a educação escolar indígena em suas múltiplas facetas, é imprescindível que consideremos a diversidade cultural dos vários povos existentes no território nacional, levando em conta suas particularidades.

Da vida de cada povo nasce uma geografia. Os alunos e alunas indígenas, como todos os outros, trazem para a escola seus conhecimentos geográficos. Esse conhecimento deve ser o ponto de partida e de chegada da geografia na escola. No caminho, há o diálogo entre o conhecimento geográfico do aluno e a geografia escolar não-indígena. (RCNEI, 1998, p. 229)

Diante disso, nascem algumas questões, tais como: quais os conteúdos que devem ser trabalhados no ensino indígena? De que maneira esse saber deve ser transmitido? É importante que se faça o uso de materiais pedagógicos não-indígena na educação escolar indígena? De que maneira o conhecimento geográfico está colocado na realidade do aluno?

Nessa perspectiva temos a educação escolar Krahô. Ensinar Geografia para o povo Krahô, assim como para sociedades não indígenas, é uma tarefa que requer conteúdos e ferramentas didáticos eficazes e, acima de tudo, compatíveis com a realidade do aluno. No caso dos alunos indígenas, é necessário, pois, que a educação seja compreendida de maneira diferente, subjetivando-a de acordo com, as crenças, os mitos, enfim, os modos de vida dos povos indígenas.

Para Albuquerque (2009), “os princípios contidos na lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional deixa claro que a educação escolar indígena deverá ter tratamento diferenciado das demais escolas do sistema de ensino [...]” (ALBUQUERQUE, 2009).

Em grande parte das escolas indígenas do estado do Tocantins são ensinados conteúdos de acordo com livro didático entregue pela Secretaria Estadual de Educação à todas as escolas da rede de ensino estadual. Daí nasce a preocupação com a educação escolar Krahô e, de modo geral, com a indígena em todo estado.

Entretanto, isso não quer dizer que os conteúdos colocados nos livros da rede estadual não sejam importantes e não possam ser trabalhados nas escolas indígenas, muito pelo contrário, é necessário que haja essa interculturação dos conteúdos, deste que seja, primordialmente, levado em conta as particularidades, realidades, cultura e modos vidas do povo Krahô.

Albuquerque (2009) afirma que: “O ensino de geografia permite trabalhar com temáticas atuais, permitindo o desenvolvimento de comparações entre as diferentes realidades brasileiras” (ALBUQUERQUE, 2009). A geografia faz com que o indígena possa compreender as situações em escala local correlacionando-as com escalas globais. O ensino em geografia requer ferramentas pedagógicas, como os livros e os mapas, para assim, facilitar o processo de ensino e aprendizagem do aluno krahô,

Quando falamos de ferramentas pedagógicas, devemos destacar a educação escolar Krahô, em

especial na aldeia Manoel Alves, pelo fato de os materiais pedagógicos, como livros, mapas e etc, serem produzidos pelos próprios Krahô. Diante disso, o Programa do Observatório da Educação Escolar indígena/CAPES/UFT/INEP tem como objetivo nortear os professores indígenas e não indígenas em suas práticas pedagógicas e na produção de materiais didáticos para serem utilizados nas escolas indígenas Krahô. Um livro de Geografia Krahô produzido pelo próprio povo Krahô é, sem sombra de dúvidas, uma grande passa para avançarmos no ensino de Geografia das escolas desse povo.

Talvez o grande enclave da educação Krahô, seja a falta de professores indígenas capacitados para ministrarem aulas nas escolas de suas aldeias. Na escola da aldeia Manoel Alves, a disciplina de Geografia é ministrada por um professor não-indígena. Assim, a formação do professor indígena é algo relevante no processo de ensino de Geografia nas escolas de suas aldeias.

Conteúdos

Dentro de sala de aula Krahô, há inúmeros conteúdos que podem ser trabalhados com êxito, mas devemos começar por aquilo que é significativo para os Krahô, visto que podem ser trabalhados em sala de aula com os seguintes conteúdos: os rios, a floresta, os animais, queimadas, plantação, queimadas, meio ambiente, outros povos, o não indígena, ou seja, objetos com os quais os alunos indígenas tenham afinidade.

Em toda e qualquer sociedade, os homens, as mulheres, as crianças e velhos têm suas funções específicas. Não é diferente na sociedade Krahô, nela, os homens preparam a terra e vão à floresta caçar, e as mulheres ficam encarregadas do plantio e colheita da mandioca para a fabricação da farinha. Além disso, “[...] os Krahô fazem um ritual quando termina o tempo do verão e começa o do inverno; nesse ritual, a administração da aldeia passa de uma metade cerimonial para a outra: a metade Verão e a metade Inverno”. (RCNEI, 1998, p.234).

Nesse sentido, podemos ter como conteúdo o trabalho desempenhado, as funções que cada indivíduo ou metade exerce dentro da aldeia, por exemplo, qual partido é responsável pela preparação da terra, plantio e colheita.

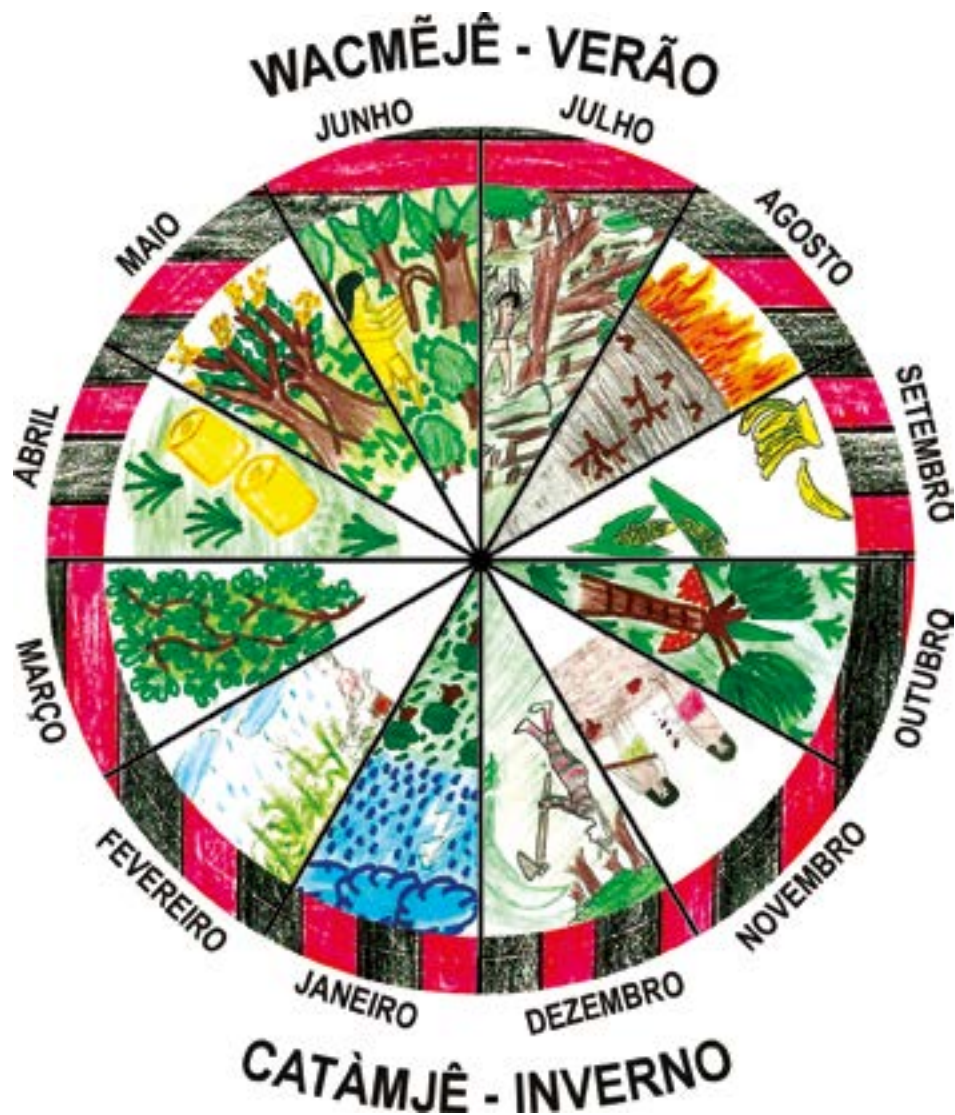
A preservação do meio ambiente, também, é um conteúdo que desperta o interesse dos alunos Krahô, tendo em vista seus modos de vida, e sua recíproca relação com a natureza. Nesse sentido, pode ser discutido em sala, por exemplo, as queimadas usadas na agricultura, a tinguizada e, entre outras atividades de seu povo que causam impactos na natureza. Toda atividade fruto da relação homem/natureza pode ser discutido sobre o viés geográfico dentro de sala de aula. Logo, há uma extensa variedade de conteúdos contidos no ensino de Geografia os quais o professor dispõe.

À guisa da Conclusão

A educação escolar Indígena Krahô merece ser continuamente revista, repensada e readaptada de acordo com as realidades, cultura, língua e os costumes mantidos na sociedade Krahô. Em resumo, podemos afirmar que a educação Escolar Indígena Krahô vem tendo importantes avanços, sobretudo, a partir da implantação do Programa do Observatório da Educação Escolar indígena/CAPES/UFT/INEP, na aldeia Manoel Alves.

Desse modo, a produção do livro de Geografia Krahô entra no contexto escolar é um marco importante para o ensino de Geografia, para a preservação da cultura e dos modos de vida desse povo. É importante frisar que Geografia nas escolas Krahô seja ensinada, tendo como base pedagógica livros produzidos com a participação efetiva dos professores, alunos e comunidade indígena, visto que esse fator traz uma reflexão dos aspectos socioculturais, históricos, culturais e geográficos Krahô.

Mê hĩ jõh Pytwỳ - Calendários Indígenas



Janeiro: Pytwrỳ ita mã ampo itajê Kre xà mã: pytwrỳ intan tahti, nê quê ihtỳj hanĕan ramã apu põhy mẽ cuh Kõn cahàc hirõt.

Fevereiro: Pytwrỳ ita nã quê há ampo jirõt apu imej tu: quê há põhy jirõt cuprỳh tu nê hanĕan Kwỳr mẽ arỳjhy ramã ihur xà nã imejtu.

Março: Pytwrỳ ita nã quê ha ramã ampo apu ihhy: Pàn Krỳt, amture, itajê. Nê quê há hamĕan Wacmĕjĕ mẽ Catàmjĕ mẽ pohy jô crow jakep nê mẽ to ahcukre. Pea quê ramã Wacmĕjĕ hopĕn xà kãm mẽ tĕ.

Abril: Pytwrỳ ita nã mã amĕ pàrti to ahcukre. Nê hanĕan nê tahnã mehĩ jô amcro nã amĕ amjĩ Kĩn, Krĩ xàre Cunĕa.

Maio: Pytwrý ita nã quê ha ramã pĩ apu hô itajê apu irã, hô caxww. Pea quê há mẽ cumã hohhyr prãm catêjê amê ampo hy.

Junho:..... Pytwrý ita nã mã amê pur caprêprêc, nê quê há ramã ampo xô apu irã nê hanëan, ramã tep mã ipêr xà nã impej tu.

Julho:..... Pytwrý ita nã mã pur kãm amê pi rê nê quê ha hanëan ramã amcrà cator tu, ihtýj cute mẽ tep mã ipêr nê mẽ hujahêr caxuw.

Agosto: Pytwrý: itã nã mã amê pur pôc nê kãm amê ampo kre xà, pom pur kãm ampo itajê: Crerô, jât, pratxi itajê kre xà.

Setembro:..... Pytwrý itã nã mã ampo hy itajê mã ihkre xà: pananxô, cuhkôn cahàc mẽ amture, mẽ hanëan quê há ramã pĩ apu irã itajê ramã apu hô cati nê apu ãntep.

Outubro: Pytwrý itã nã mã pãn Krýt kre xà, nê quê ha ramã crow apu ajxwý, nê cô wrýc pê mã hõh pytwrý mã ita.

Novembro: ... Pytwrý itã nã ihtýj cute mẽ kwýr arýjhy kre xà mã, nê quê há ramã ampo mam catejê ramã apu cuprýhtu, quê ramã kãm amê haprã amjĩ mã.

Dezembro:.... Pytwrý itã nã mã ihcarêr, ampo par prâr, nê hanëan mẽ amjĩ kĩn ton caxuw, pom quê, pêp cahàc Kêê tuwajê. Nê hamëan cute mẽ ahkrajre co mã cyt nê amê ihka caxuw.

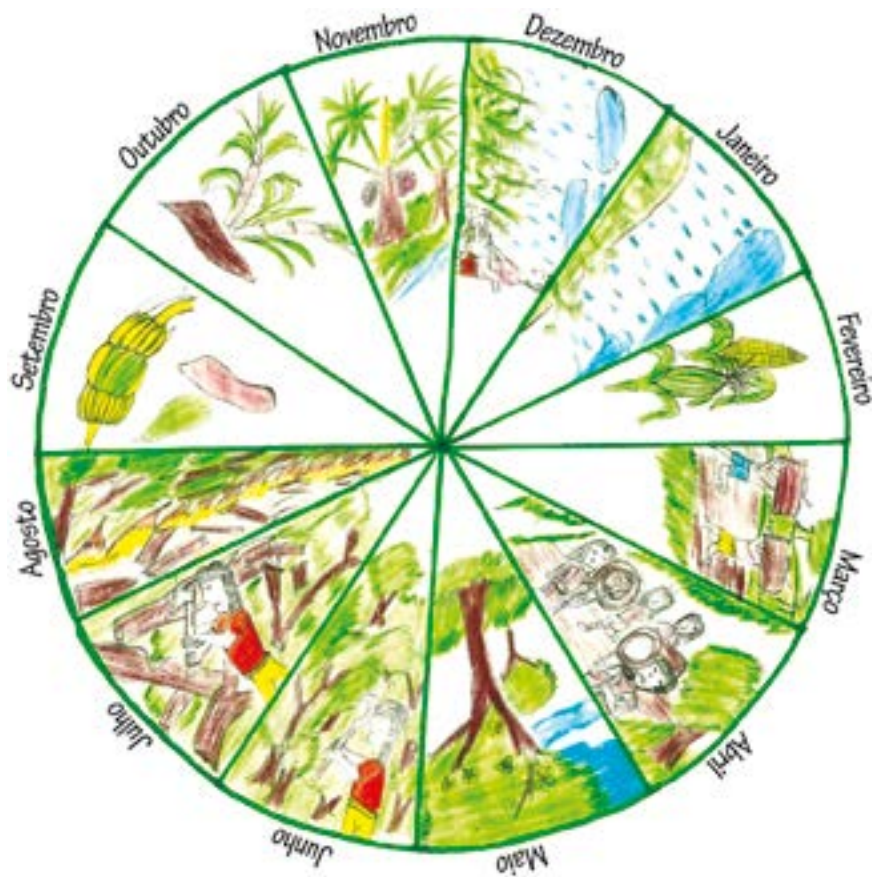
Texto: Ovídio Krahô

Desenho: Ovídio Krahô



- Janeiro:..... Cuhkõn cahàc jirõt
- Fevereiro:Põõhy intep
- Março:Arýj hy
- Abril:Pàrti
- Maio: Wacmêjê
- Junho:..... Tep
- Julho:..... Ahkrýtire
- Agosto:..... Pur
- Setembro:Kwỳr
- Outubro: Am ture
- Novembro: Crow
- Dezembro:..... Ta

Texto: Ovídio Krahô
Desenho: Natália Kratihkwỳj Krahô



- Janeiro: Ta
 Fevereiro: Põõhy
 Março: Põõhy jõ crow
 Abril: Pàrti
 Maio: Pĩrã
 Junho: Pur capreprêc
 Julho: Pĩ rên
 Agosto: Pur pôc
 Setembro: Panan xô, jàt, cukõn cahàc
 Outubro: Cãn, Kwỳr
 Novembro: Crow Xô
 Dezembro: Ampo jirõt par prãr

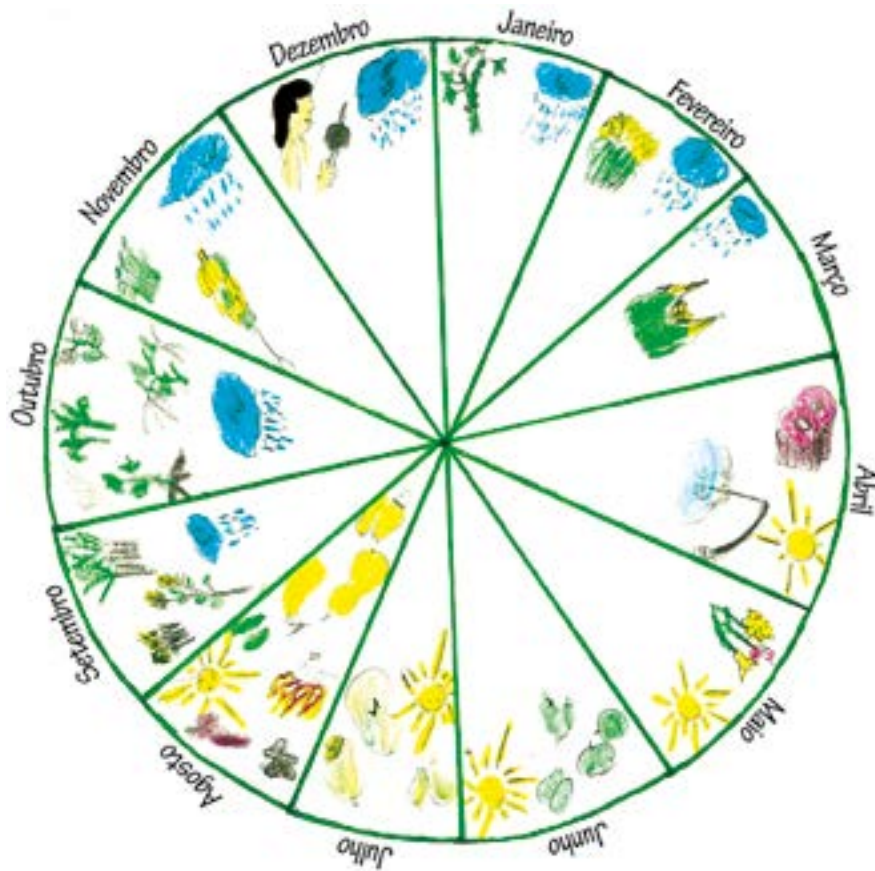
Texto: Ovidio Krahô

Desenho: Edinaldo Kêêxỳ Krahô



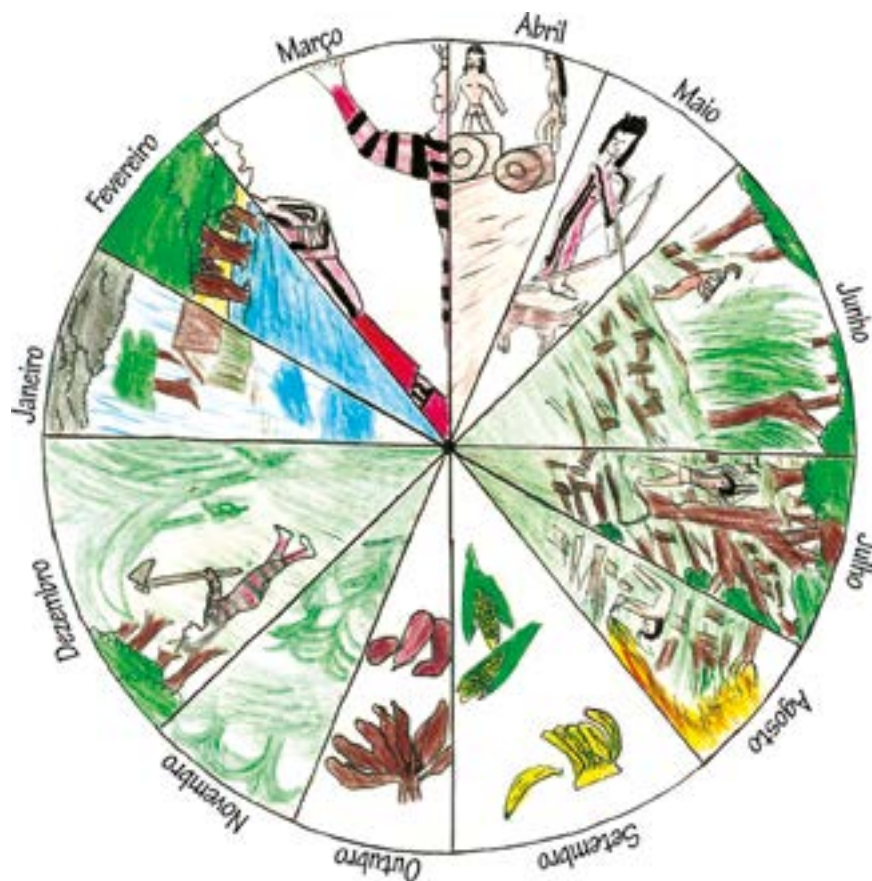
Janeiro:.....Põõhy jirõt
 Fevereiro:Põõhy
 Março: Põõhy hy
 Abril:Pàrti
 Maio:mẽ hõhhyr
 Junho:.....tep mã ipẽr xà
 Julho:.....Amcrà cator
 Agosto:.....Pur pôc
 Setembro:jàt, czerô kre xà
 Outubro:Cô wrýc
 Novembro:Kwýrhê kre xà
 Dezembro:.....Põõhy Jõ Crow

Texto: Oídeio Krahô
 Desenho: Símono Crowy krahô



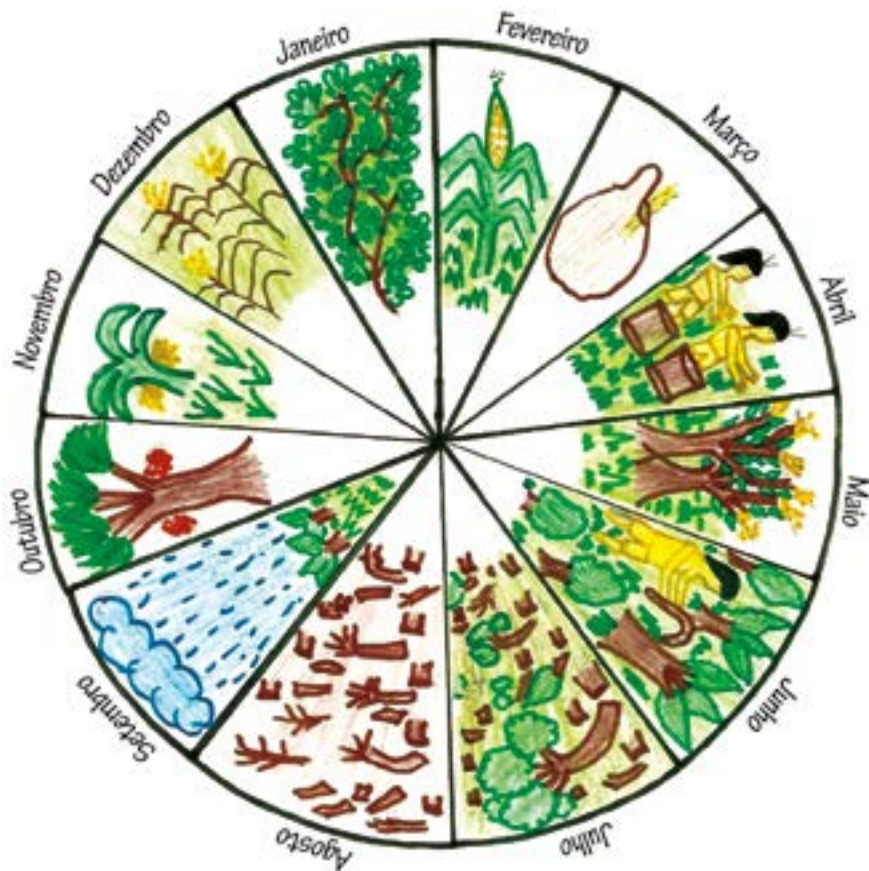
- Janeiro: pej mē kwyr cahàc
 Fevereiro: Arỳjhy
 Março: Ampo hur xà
 Abril: Pàrti
 Maio: Pĩ xô rã
 Junho: Capôcre, Krohtot
 Julho: Capêr, Mac, Ahkrýt
 Agosto: Crerô, jàt, mac, ahkrýt
 Setembro: Arỳjhy, can, amture
 Outubro: Põõhy, Kwyrpej, Pàn Krýt
 Novembro: Arỳjhy, pananxô
 Dezembro: Kêétuwajê

Texto: Tiago Capêrkô Krahô
Desenho: Tiago Capêrkô Krahô



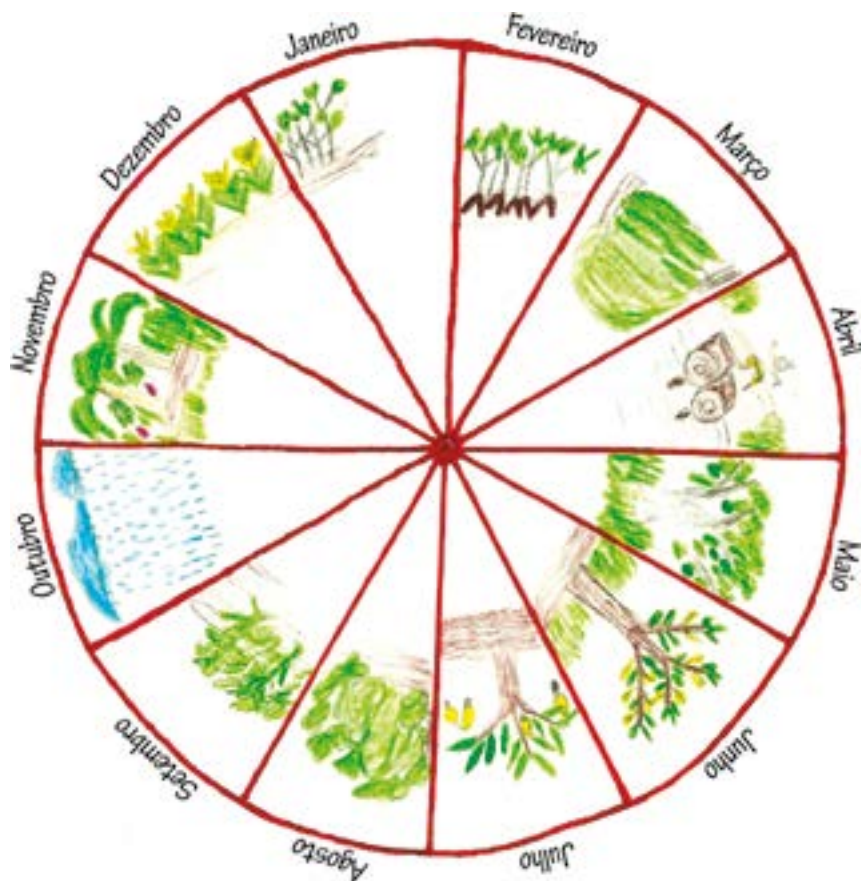
- Janeiro:..... Cô Wryc
 Fevereiro: Côhcati tám
 Março: Pàr caxuw mẽ ajpên to, ihhêmpej
 Abril: Pàr pỳ pỳm xà
 Maio: mẽ hujahêr
 Junho:..... Pur caprêprêc
 Julho:..... Pĩ rên
 Agosto:..... pur pôc
 Setembro: pananxô, põõhy
 Outubro: Kwỳr, jàt
 Novembro: Pananxô, Jirõt, põõht jirõt
 Dezembro:..... Ihcarêr

Texto: Mário Ahkôxêt Krahô
Autor: Mário Ahkôxêt Krahô



- Janeiro: Cukõn cahàc jirõt
 Fevereiro: põðhy
 Março: cuhkõn cahàc, arýjhy
 Abril: pàrti
 Maio: pĩ rã
 Junho: pur caprê prêc
 Julho: pĩ rên
 Agosto: pur pôc
 Setembro: cô wrýc
 Outubro: crow xô
 Novembro: panaxô
 Dezembro: arýjhy

*Texto: Jucilene Mĩxa Krahô
 Desenho: Jucilene Mĩxa Krahô*



Janeiro:.....Kwỳr pej
 Fevereiro:Kwỳr cahàc
 Março:Põõhy
 Abril:Pàrti
 Maio:Prĩn xô
 Junho:.....Capôc rã
 Julho:.....ahkrýt re rã
 Agosto:.....pratxi
 Setembro:Põõhy
 Outubro:Ta wrỳc
 Novembro:Panãnxô
 Dezembro:.....Arỳj hy

Texto: Ronaldo Xykỳ Krahô
 Desenho: Ovídio Kõnry Krahô



Distribuição de Alimentos Produzidos na Roça

Antigamente os homens Krahô trabalhavam em uma ou duas roças juntos com a comunidade. Eles plantavam na roça, depois que produziam os alimentos, dividiam entre os grupos Wacmêjê e Catamjê. Dividiam de certo modo que todos ficassem com um pouco de alimento. Mas hoje não é mais assim, os homens fazem as roças com a família ou sozinhos. Eles plantam na roça, mandioca, arroz, banana e milho. Chamam os amigos, os irmãos ou o pai para ajudarem na colheita. Com isso, ganha somente aquele que ajudou a colher a plantação. Mas o dono da roça pode dividir com a família, ou seja, com as irmãs, os irmãos ou com seus pais. Para outras pessoas da aldeia, ele vende, ou troca por outros objetos ou por ferramentas. Então hoje em dia, a vida dos Krahô segue dessa forma.

Texto: Edinaldo Pirca Krahô

Desenho: Edinaldo Pirca Krahô



Reuniões no Pátio

Sempre que o dia amanhece, na aldeia, os mais velhos, adultos e jovens se reúnem no pátio para discutirem sobre o trabalho na roça, capinar ao redor da casa, pescar, caçar, realizar casamento, cantar, fazer as festas, bem como discutir outros problemas da comunidade. As reuniões no pátio sempre acontecem pela manhã ou à noite.

Para isso, o chamador, primeiro canta e chama as pessoas para se juntarem e fazerem a reunião.

Texto: Simone Crowcy Krahô

Desenho: Simone Crowcy Krahô



A aldeia

A aldeia Krahô é redonda, em forma de círculo, possui um pátio central. Cada casa possui uma estrada que vai até o pátio. Todos os Krahô moram na aldeia, possuem sua casa própria e praticam os rituais, para manter sempre viva a cultura e a língua materna. Quando começa a festa tradicional Krahô, eles usam o pátio, a estrada radial ou estrada da casa, que vai em direção ao pátio. Assim, eles mantêm a aldeia sempre muito limpa. Se a aldeia fica suja, os Krahô fazem uma reunião no pátio, para fazerem a limpeza da aldeia. Após a reunião, todos os homens vão capinar em volta da aldeia, a estrada e o pátio. É assim, que os Krahô vivem e preservam sempre limpas suas aldeias.

Texto: Natália Kratihkwỳj Krahô

Desenho: Natália Kratihkwỳj Krahô



Catàmjê m̃ Wacmêjê

A profissão do partido de Verão é de brocar e fazer a derrubada e deste tempo o Catàmjê são guiado tanto na distribuição na corrida e na festa.

A responsabilidade do partido de inverno que é Catàmjê é plantar e colher na divisão de costume entre novembro e janeiro.

Todas atividades são guiado pelo Catàmjê, corrida e a festa.

Texto: Roberto Cohxê Krahô

Desenho: Ronaldo Xyky Krahô



Catàmjê mẽ Wacmējê Jarẽn xà.

Mẽ ipihôc xà jôhkêat mã, mẽhkwỳ mẽ haprỳ kôt amẽ ipihôc to ipa, quẽ ha jũm ihpỳm kôt mã quẽ ha hũm mẽ inxi haprỳ kôt mẽ cumã ipihôc xá ita hõ, haprỳ pẽ Catàmjê Wacmējê.

Ampo kôt mã jamãn amẽ ipihôc xà ita to hanẽ que mẽ ajpẽn jahkrepej caxuw, ihnõ cajcàr mã ihcapê, nẽ mẽ ipihôc xà ita. Mãm jũm apu hocukren to ipa quẽ jũri amẽ ampo jakrã quẽ hohcukren xà kãm ampo py. Pea. quẽ jũm cahãj hikwa tuw nẽ impjê kôt apu hohcukren to ipa.

Nẽ hanẽan Wacmējê mẽ Catàmjê mẽ ajpẽn mã pytwrỳ jirê quẽha cô kracri catàmjê pittẽ apu ampo to ihhẽmpej to ipa quẽha amcrà quẽha hapã mã catàmjê wacmējê jũhkra mã ampo cunẽ mã hihkra.

Nẽ hanẽan Wacmējê mẽ Catàmjê mẽ ajpẽn mã pytwrỳ jirê quẽ ha cô kracri Catàmjê pitti apu ampo to ihhẽmpej to ipa quẽ ha amcrà quẽ ha hapã mã Catàmjê mẽ Wacmējê jũhkra mã ampo cunẽ mã hihkra.

Nẽ hanẽan mẽ ajpẽn cukij xà nõ harã catêjê mẽ kỳj catêjê ita quẽ ha amjĩ kĩn nõ jakràj nare quẽ mẽ ajpẽn cukij to hanẽ, pean amjĩ kĩn jakràj nã quẽ nẽ ihtỳj amẽ ihcukij nare.

Texto: Cláudio Wacmẽ Krahô

Desenho: Cláudio Wacmẽ Krahô



Aldeia

As Aldeias Krahô são em forma de círculo, possuindo um pátio central. Para cada casa tem a estrada que vai até o pátio, com ruas limpas e conservadas. Cada família possui sua própria casa. Com isso, cada família tem a responsabilidade de cuidar da sua casa e família. Quando a Aldeia fica suja, todos da comunidade se reúnem no pátio e vão capinar a estrada até o pátio. Quando começa a festa tradicional, todos os Indígenas vão se preparar, usam o pátio, e a estrada que vai até a casa. Por isso, a comunidade da Aldeia não joga o lixo no pátio, nem nas ruas e estradas que vão até o pátio, preservando tudo muito limpo para as festas.

Texto: Natália Kratihkwỳj Krahô

Desenho: Natália Kratihkwỳj Krahô



Cantoria no Pátio

Quando há cantoria no pátio da Aldeia, à tarde, os homens e as mulheres vão pegar lenha na mata, trazem para o pátio e retornam para suas casas. À noite, após o jantar, todos voltam para o pátio para assistir à cantoria.

Os velhos chamam todos da comunidade, os homens, as mulheres, as crianças, para retornarem ao pátio. Os nomes dos cantores responsáveis pela cantoria são Kàj e Pacajhê, Intohôc, Jôhpro, Têr Kwỳj, Pêpkro Xoore, que cantam até de manhã. Eles usam maracá para a cantoria no pátio.

Logo que o dia amanhece, todos correm com a tora. Tanto os homens quanto as mulheres pegam a tora e correm pela estrada, dando voltas na aldeia e trazem a tora para o pátio.

Texto: Raquel Krahô

Desenho: Raquel Krahô



Reserva Indígena

A terra onde moramos e vivemos é um lugar muito bom e possui muitas riquezas. Possui uma paisagem muito bonita, na chapada existem muitas frutas como pequi, cajuí, mangaba, buriti, bacaba, manga dentre outras. Na nossa reserva ainda existem muitas caças, animais e peixes que servem para nos alimentar, além dos alimentos que compramos na cidade.

Portanto, precisamos preservar a nossa reserva, evitando as queimadas, desmatamentos e continuar a valorizar nossa língua e cultura.

Texto: Matilde Krahô

Desenho: Matilde Krahô



Comércio

O povo Krahô é conhecido como povo trabalhador. Fazem grandes roças, é um povo bem festivo, preservando seus ritos tradicionais.

Antigamente os mehĩ viviam das plantações, das roças, caça e pesca.

Mas, hoje em dia os mehĩ não querem mais plantar, nem caçar, pois tudo que precisam encontram nos comércios da cidade. Vivem dependendo dos comerciantes, quase todos os mehĩ recebem um benefício como: aposentadoria, bolsa família e alguns são funcionários.

Os Krahô têm dificuldade em administrar seu próprio dinheiro e devido a essa dificuldade, sofrem muito com isso, além do desrespeito e do preconceito que sofrem por parte dos comerciantes. A situação do povo Krahô, hoje, é muito precária, mesmo com alguns recursos financeiros nas aldeias. Mas é importante resgatar as nossas práticas culturais como: caça, pesca, roça, além da valorização do nosso sistema de comércio dentro da aldeia.

Texto: Wilson Parkâmpe Krahô

Desenho: Wilson Parkâmpe Krahô



Reserva Indígena

Nas terras indígenas quem manda é os próprios indígenas, visto que cada aldeia juntamente com o cacique mantém preservada a terra, as matas e os rios com muito cuidado e zelo.

Na área indígena tem muitas árvores, florestas e frutas, como cajuzinho, buriti, mangaba e outras frutas que nos alimentamos. Além de frutas, há muitas caças, animais e peixes, que também servem para os indígenas se alimentarem. Atualmente cada povo indígena tem a sua área demarcada, onde tem muito mato, árvores, frutas, animais, flores, peixes e passarinhos, mas só quem pode caçar e pescar é os próprios indígenas.

Os indígenas preservam suas terras e matas, porque delas eles tiram seus alimentos e sustentam suas famílias. Eles mandam na reserva, pois cada cacique das aldeias tem direito de mandar na sua área. Assim, os caciques e as comunidades têm o direito de informar a seu povo para que eles não destruam nem derrubem as árvores, não queimem as plantas, não matem os animais, pois é disso que o mundo precisa e cada povo indígena tem que preservar suas terras.

Texto: Diana Caxàt Krahô

Desenho: Diana Caxàt Krahô



Escola

Na escola, todos os alunos estudam, escrevem e aprendem os conhecimentos dos não indígenas e os nossos saberes tradicionais. Na escola a pessoa se sente feliz e usa muito a sua inteligência, por isso a escola é muito boa. Quando os alunos saem da sala, a professora chama para entrar e fala assim: Hoje vai ter brincadeiras, vocês também vão jogar bola. Vocês todos vão aprender mais sobre todas as coisas, vão aprender brincando, sobre os costumes e saberes tradicionais do nosso povo.

Por isso, nossa escola é muito boa, divertida e importante para nós indígenas.

Texto: Marcia Krãjarê Krahô

Desenho: Marcia Krãjarê Krahô



Agricultura Krahô

O povo Krahô pratica a agricultura de subsistência, ou seja, faz pequenas plantações de roça, algumas vezes roças comunitárias, onde toda comunidade ajuda com o trabalho. Antes de fazer a roça, alguns indígenas saem para procurar uma terra boa para plantação. Uma terra que não tenha muita areia. Na nossa reserva existe muita terra boa para agricultura é só saber procurar.

Na agricultura, o povo Krahô usa foice para brocar, machado para derrubar os paus. Depois que a roça estiver derrubada, espera-se um bom tempo e põe fogo para queimar, depois de queimada a terra está pronta para plantar. Então os Krahô pedem aos pais e irmãos para ajudarem a plantar as sementes.

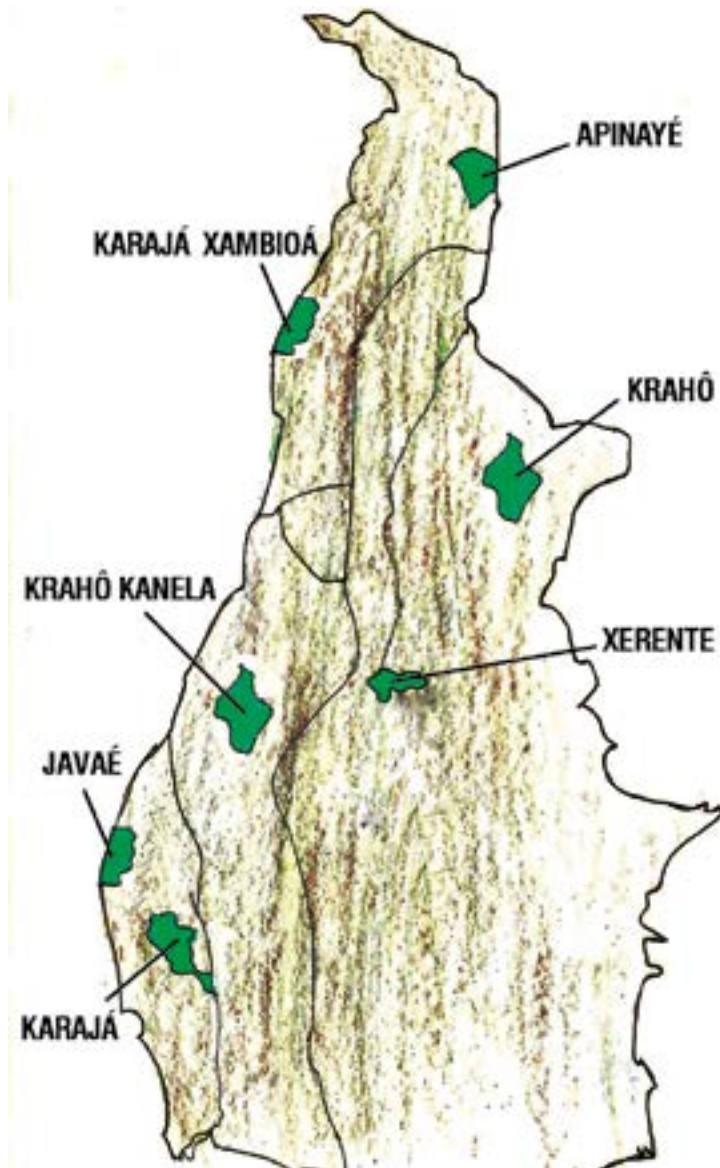
Os principais produtos agrícolas que os Krahô plantam são mandioca, arroz, milho, feijão, abóbora, batata doce, inhame e fava. Então estes produtos são colhidos, mas não vendidos, porque o povo krahô planta e colhe apenas para o sustento da família e daqueles que ajudam na plantação e na colheita.

Antigamente os Krahô eram assim, trabalhavam junto com a comunidade, faziam roça e depois da colheita faziam festa, cantoria no pátio, corria com tora e o movimento era muito animado. Mas hoje em dia, poucas pessoas trabalham na roça. Muitos vivem de benefício social, como aposentadorias, bolsa família ou é funcionário público. Passaram a fazer compras no comércio e a maioria sobrevive apenas dos alimentos que compram na cidade.

Texto: Edinaldo Pirca Krahô

Desenho: Edinaldo Pirca Krahô

As Reservas Indígenas



A reserva indígena é um território dentro de um país, destinado aos grupos indígenas brasileiros. Foi um decreto do Governo Federal que demarcou as terras para os indígenas, mas sabemos que as terras destinadas aos povos indígenas são muito poucas para as populações indígenas que ainda habitam em nosso País.

As reservas indígenas são muito importantes para os povos indígenas, pois quando uma área é demarcada, passa a ser um território de um determinado povo. Então esse povo passa a ter o domínio dessas terras. Com isso, constroem suas aldeias, fazem suas casas, suas plantações, suas roças, praticam a agricultura, caçam e pescam nos rios que existem na reserva.

Mesmo assim, ainda existem muitos indígenas em nosso País que não possuem suas terras reconhecidas e demarcadas. É importante que o Governo reconheça as terras indígenas e demarque para que esses indígenas não fiquem fora de suas terras e sejam reconhecidos como indígenas brasileiros, pois como todos sabem, nós somos os primeiros habitantes e donos destas terras, agora temos direito de ter nossa terra demarcada.

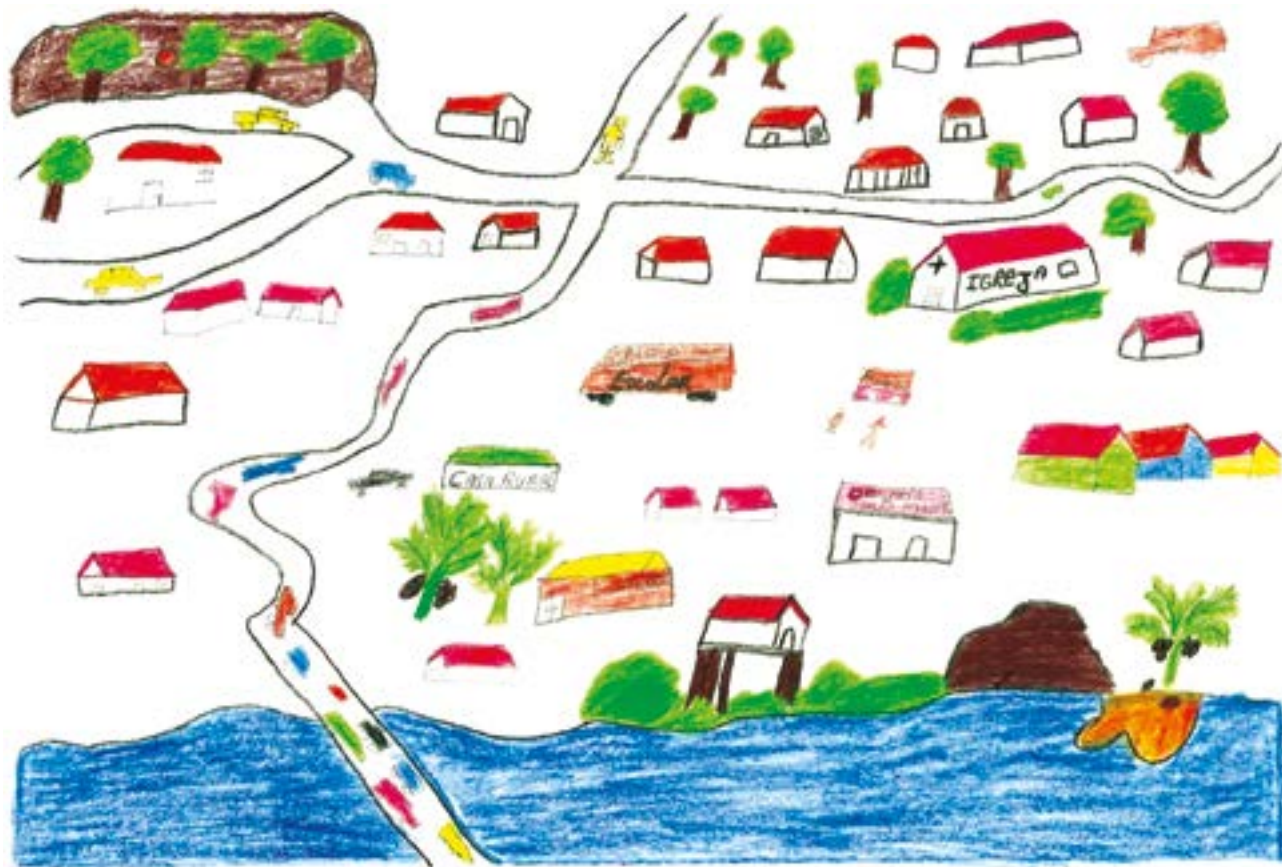
Nas terras indígenas, o indígena tem direito de preservar a natureza. Assim, podem continuar preservando sua cultura, sua língua, praticar suas danças, pinturas, comidas, abrir os caminhos dentro da reserva, rios, matas, frutas, além de vigiar a demarcação para não haver invasões.

Assim podemos ter garantia de viver um futuro melhor. Com isso, os indígenas têm o direito de lutar pelos seus territórios. Nós indígenas não sabemos viver de outro jeito, nossos costumes, nossa cultura, nossa língua, bem como o modo como vivemos, fazendo tudo da nossa maneira e do nosso jeito simples de viver em contato com a natureza. Então não são as fábricas que nos fazem viver, mas sim a natureza e o nosso trabalho.

Se nós, indígenas, não tivermos nossas terras demarcadas, nós acabaremos. As terras indígenas são áreas reservadas para as populações indígenas. A demarcação da terra indígena é muito importante para a sobrevivência dos indígenas do Brasil.

Texto: Karina Hôhkwỳj Krahô

Desenho: Daniel Rêj Krahô



Cidade

A Cidade de Itacajá fica muito perto da Aldeia Manoel Alves Pequeno, aliás, muito pertinho. Na cidade existem muitos alimentos para os Krahô comprarem. Na verdade não são apenas os indígenas que fazem compra na cidade, mas também as pessoas que moram nas fazendas.

Existem muitas cidades que nós indígenas não conhecemos como: Palmas, Santa Maria, Pedro Afonso, Goiatins, Rio de Janeiro, Marabá, Araguaína e Goiânia.

Na cidade de Itacajá, além de mercadorias, também há muitas outras coisas, como bar, oficina, escola, praças, banco, hotel, hospital, muitas coisas que nós não conhecemos, pois não existem na aldeia, por isso achamos a cidade muito bonita.

Texto: Wilson Krahô

Desenho Wilson Krahô



Pátio

O pátio é redondo e fica no centro da aldeia. É o lugar onde toda a comunidade Krahô faz as reuniões para decidir as ações da comunidade.

Quando começam as festas tradicionais, eles vão ao pátio para fazerem as reuniões e para realizar as cantorias. Eles também usam o pátio para as crianças brincarem. É lá que acontecem também os batizados, as nomeações e as contribuições de plantações dos alimentos.

Antigamente, os rapazes solteiros dormiam no pátio, mas atualmente, isso já não é mais praticado pelos jovens. Portanto, o pátio é um local muito importante para o povo Krahô, pois todas as decisões do nosso povo acontecem neste local.

Quando o pátio fica sujo e cheio de lixo, a comunidade faz reunião para limpar o centro do pátio e as ruas que dão do pátio para as casas.

Texto: Natália Krahô

Desenho: Natália Krahô



Pátio da Aldeia

O pátio é um lugar muito importante para o povo Krahô, pois é nele onde acontecem as reuniões, onde se discutem todas as festas que vão realizar, tudo que acontece na comunidade é resolvido e decidido no pátio.

Os mais velhos assumem a função de chamar a comunidade para se juntar no pátio. Então os homens fazem suas reuniões, para tomar as decisões da comunidade. Lá também são realizadas algumas reuniões em que as mulheres também podem participar. O cacique reúne toda a comunidade e informa qual o motivo principal da reunião. Assim, o cacique juntamente com os velhos passa todas as informações para a comunidade. Quando precisam decidir alguma coisa os mais velhos falam primeiro, todos ouvem, depois a comunidade se manifesta, dando suas opiniões.

Portanto, é no pátio onde acontecem as festas culturais, as danças, as corridas de tora, as cantorias, além de se reunirem também para dividirem os trabalhos da roça.

Texto: Natália Krahô

Desenho: Natália Krahô



Agricultura Krahô

A agricultura Krahô faz parte da cultura de nosso povo. Antigamente, os mais velhos trabalhavam muito e faziam suas roças. Para isso, precisavam de todos os tipos de materiais para fazerem suas roças, foice, machado, facão e enxada, para limparem a terra e fazerem um roçado muito grande. Começavam derrubando as árvores grandes, punham fogo na roça, depois queimavam a roça toda, preparavam a terra para plantarem e capinavam a roça toda. Depois de tudo pronto, começavam a plantar as sementes de arroz, fava, milho, batata doce, andu, cará, gergelim e mandioca. Por isso, os mais velhos tinham muitos alimentos e se alimentavam muito bem, não passavam fome, porque eles trabalhavam muito para o sustento da família. Mas agora, a nossa cultura está desaparecendo devagar, pois os indígenas mais novos não estão mais praticando a agricultura. Não fazem mais as roças, não plantam mais milho, feijão, arroz, mandioca, abóbora e cará, pois preferem comprar na cidade, que já está pronto; mas nós indígenas sabemos que os alimentos da cidade não fazem bem para a nossa saúde.

Texto: Simone Crowy Krahô

Desenho: Simone Crowy Krahô



Roça

A roça é muito importante para os indígenas Krahô, por que é da roça que eles tiram o sustento para a família. Os Krahô fazem poucas roças com plantação de mandioca, abóbora, batata doce, andu, milho, arroz e cará.

Quando chega a época de colheita, as famílias que possuem roça vão construir uma casa bem perto da roça para realizarem a colheita dos alimentos. É assim que os Krahô fazem suas roças e continuam seguindo os costumes dos mais velhos. Os Krahô começam a brocar suas roças no mês de julho, para isso, eles constroem também uma casinha bem perto da roça para facilitar o trabalho, pois não têm que vir todos os dias à aldeia. Eles passam uma semana na casinha até terminar de brocar todo o mato. Eles precisam de utensílios com foice para derrubar as árvores mais finas e de machado para derrubar as plantas mais altas e grossas, precisam de muita força para realizar essas tarefas na roça.

Ao terminarem essa etapa da derrubada de mato, voltam para aldeia, após um mês, vão pôr fogo para queimar, depois de queimada a roça, e se ficarem alguns paus sem queimar, eles cortam os galhos mais grossos e grandes das árvores, fazem as coivaras e põem fogo novamente.

Eles esperam a época de chuva, a terra fica bem molhada e eles começam a plantar as sementes dos alimentos que eles usam no seu dia-a-dia. É assim que os Krahôs fazem suas roças para sobreviverem.

*Texto: Marcos Rõrehhô Krahô
Desenho: Marcos Rõrehhô Krahô*



Roça de Toco

O Povo Krahô costuma fazer as roças de toco seguindo o modelo tradicional dos antepassados. Por isso, a roça é muito importante para todos os povos indígenas e para os não indígenas. Por isso os mehĩ têm que trabalhar muito para sustentar as famílias.

Eles começam a preparar suas roças no mês de junho. Para isso precisam de ferramentas como facão, foice, machado e enxada, para derrubarem os matos, cortar e preparar a terras para plantar as sementes em suas roças. Todos os homens têm que trabalhar para fazer suas roças grandes. Precisam derrubar as árvores e deixar as folhas secarem, depois de dois meses, tocam o fogo, se não queimarem todos os galhos secos, fazem as coivaras e põem fogo para a roça ficar bem limpa, para poder esperar as chuvas e plantarem todas as sementes como mandioca, arroz, feijão, milho, amendoim e cana.

Passado o período de chuvas, eles vão fazer a colheita, trazerem para suas casas para se alimentarem bem, e ficam muito felizes por terem feito uma boa plantação e colheita.

Texto: Karina Hôhkwỳj Krahô

Desenho: Karina Hôhkwỳj Krahô



Cidade

A nossa relação com a cidade é muito boa e sem problemas, pois lá temos muitos amigos. Na cidade, nós fazemos nossas compras, pois lá tem muitas coisas que não existem na aldeia. Lá também existem correios, lojas, bancos, supermercado e açougues.

Então, quando vai acontecer uma festa na aldeia, nós vamos para cidade de Itacajá fazer as compras das coisas que precisamos para realização da festa, assim como comida, roupas, carnes e outras coisas no qual precisamos.

Nossa cidade é muito boa para os Krahô. Lá nós mehĩ compramos nossa alimentação e trazemos para nossas casas na aldeia.

Atualmente nós indígenas estamos usando os mesmos alimentos e produtos dos não indígenas.

Os mehĩ estão sempre fazendo as compras na cidade de Itacajá, que é a cidade mais próxima de nossa aldeia. Estamos usando todos os objetos dos não indígenas. Nós gostamos muito de Itacajá, pois lá somos muito bem recebidos.

Texto: Marcela Pahnajêt Krahô

Desenho: Marcela Pahnajêt Krahô



Cidade

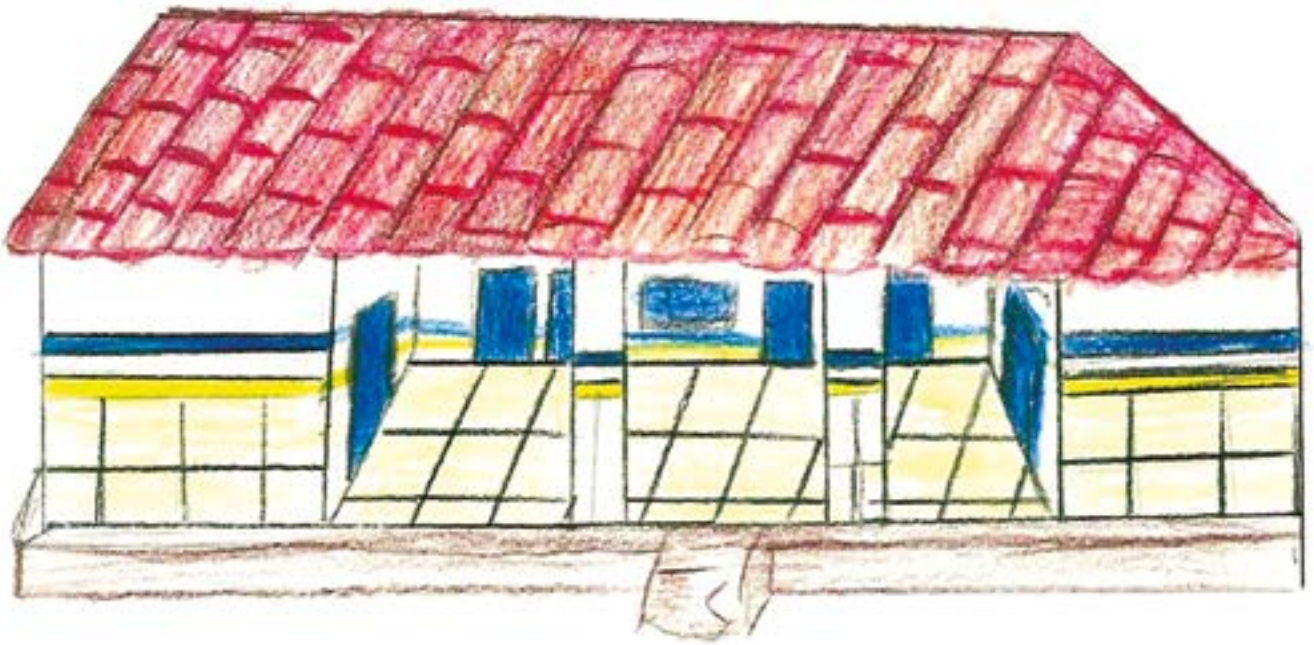
A cidade mais próxima da nossa aldeia é Itacajá. Lá existem muitas coisas que não têm na aldeia como: casas de dois andares construídas, bancos, lojas, roupas, carros e supermercado, além dos movimentos e os barulhos serem maiores.

A cidade de Araguaína possui uma população maior que Itacajá e o movimento também é muito grande. Em Araguaína vimos vários tipos de objetos que não conhecíamos.

As cidades são todas construídas de concretos. As ruas são feitas de cimento, as casas construídas de tijolos, cobertas com telhas coloridas, e as ruas muito movimentadas pelos carros, motos e caminhões que fazem as entregas nas lojas das cidades. Gente comprando alimentos, tirando dinheiro nos bancos e pagando as contas. Então na cidade é bem diferente da aldeia.

Texto: Tiago D. Capêrkâ Krahô

Desenho: Tiago D. Capêrkâ Krahô



Escola Indígena

A escola é muito importante para mim, porque nos ensina as coisas difíceis. Eu gosto muito de estudar e aprender tudo, tanto os conhecimentos dos mehĩ como dos não indígenas. Dentro da escola, faço as atividades na sala de aula junto com meus colegas para aprender. Quero aprender a falar e escrever a língua portuguesa, para que, no futuro, eu possa conseguir uma boa profissão, cursar uma faculdade, e assim poder ajudar minha família. Não pretendo parar de estudar, pois quero realizar os meus sonhos e ter um futuro garantido.

Mesmo sendo indígena e morando na aldeia, pretendo me sobressair, estudar muito e, quem sabe, contribuir com meus conhecimentos na escola da minha aldeia.

Texto: Carmen Lúcia Krahô

Desenho: Carmen Lúcia Krahô



Os Animais da Reserva

Sabemos que existem vários tipos de animais da reserva indígena Krahô, tais como: tatu, caititu, tatu canacho, cutia, peba, sussuparo, veado, tamanduá, raposa, cobras, onça, paca, anta, capivara, dentre muitos outros.

É importante registrar três espécies desses animais que estão quase extintos da reserva Krahô: o tatu canacho, chuchuaparo e o peba. Esses três animais citados, que vivem aqui na reserva, são muito poucos, quase não se encontram mais, por isso achamos que estão quase extintos.

Quando os indígenas saem para caçar, quase não encontram mais certos animais, porque estão muito poucos e difíceis de encontrar um deles. Com isso, nós indígenas temos que preservar estes animais e não matar mais, pois já são pouquíssimos e se matar todos, no futuro não haverá mais animais e não terá como nós indígenas caçar

animais dentro de nossa própria reserva.

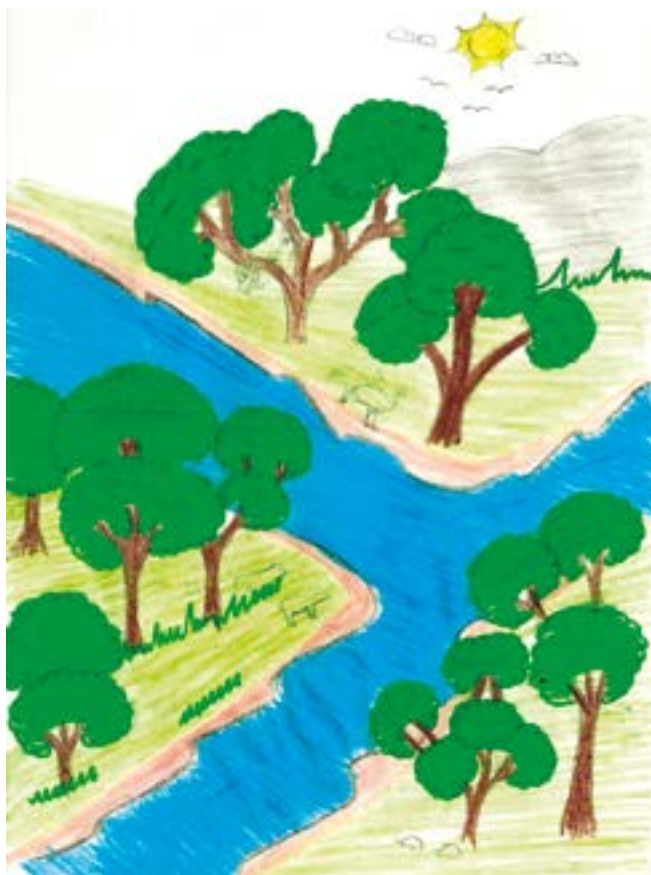
Então temos que conversar com nosso povo para não matar mais certos animais, para que eles possam se reproduzir e voltar a crescer mais o número de animais que se encontram em fase de extinção. Então assim como nós precisamos viver esses animais também precisam viver nas nossas matas.

Na reserva Krahô existem diversas espécies de animais, além dessas que foram citadas. Existem muitos outros animais, mas para que eles continuem existindo, é preciso que nós indígenas preservemos, não matar todos, só alguns e quando precisar comer, não matar para vender na cidade. Temos que matar, mas com limite. Se vir a mãe com um filhote não mate. Além disso, temos que parar de queimar as matas. Parar com as queimadas na reserva, porque se queimar todo o cerrado, os animais vão saindo da área em busca de alimentos nas outras matas, fora da reserva, porque sem comida eles não conseguem viver, por isso nós que moramos na reserva, temos que tomar cuidado com isso. Os animais precisam de comida, e é no cerrado que eles encontram os alimentos; nós também precisamos desses animais.

Por isso, temos que conscientizar nossa população indígena, para pararem com as queimadas na reserva, para ter mais animais na área, ter mais comida para eles; para eles terem uma vida melhor e matas agradáveis; viver com alegria, sem se preocupar com nada. Assim nós vamos ter animais suficientes para nossa alimentação, sem se preocupar. Mas para isso, temos que preservar a natureza na reserva, além dos animais, porque tudo isso depende uns dos outros. Sem natureza, eles não vivem, e sem animais nós indígenas também não vivemos.

Texto: Magayve Xôhxô Krahô

Desenho: Luciano Caprãn Krahô



Meio Ambiente

O meio ambiente é muito importante para nós Krahô. É importante preservar a natureza, pois não podemos queimar as matas, nem prejudicar a natureza porque nela existem muitos animais, rios, pássaros e muitas frutas.

Para fazer as roças, pode derrubar as árvores somente dentro da área que vai utilizar para fazer o roçado. Também usamos as madeiras para construir a casas.

Todos nós indígenas precisamos do meio ambiente, por isso, não podemos jogar lixo nos rios, nem danificar o meio ambiente, não queimar, matar os animais para comercializar. Se não cuidarmos do meio ambiente, nosso futuro será muito ruim, sem matas, rios, animais e pássaros. Então, nós indígenas Krahô, precisamos nos conscientizar, para não destruir a natureza, pois nossa sobrevivência depende muito dela.

Texto: Márcia Krahô

Desenho: Simone Crowcy Krahô



Meio Ambiente

O meio ambiente é muito importante para todos nós indígenas Krahô. O meio ambiente tem que ser muito bem preservado, conservando todos os animais, matas, árvores, rios, córregos e pássaros. Além disso, não podemos botar fogo na mata, porque se fizer isso, o fogo destrói tudo, as plantas, as frutas, os animais e a natureza.

Também não se pode jogar lixo nos rios nem nos córregos, porque a água é importante para todos os seres vivos. Por isso, devemos preservar o meio ambiente, cuidando da natureza e não degradando as matas, córregos e rios.

Nas aldeias, temos que juntar todo o lixo, não colocar nos rios, nem queimar próximo das matas, pois pode pegar fogo e destruir o meio ambiente, perto da aldeia. O lixo pode contaminar a água do córrego, pode matar os peixes, adoecer os animais e comprometer a saúde das pessoas.

Texto: Raquel Krahô

Desenho: Mário Krahô



A Escolha da Liderança Feminina

A escolha da liderança mulher é feita através da observação dos homens, das mulheres mais velhas e do cacique. Feitas essas observações, a comunidade se reúne no pátio, faz novas observações, e os líderes decidem quem é a mulher que está pronta para exercer o cargo e a escolhem para ser a líder das mulheres da aldeia.

A mulher para ser escolhida, tem que ser uma pessoa que possui bom relacionamento com a comunidade, que saiba se expressar, seja educada, apresente uma boa comunicação para representar as mulheres nos conselhos. Tem que ser trabalhadora, podendo ser casada ou solteira. A função da líder é organizar as festas culturais, distribuir as tarefas e também participar da organização social da comunidade.

Não existe tempo determinado para uma mulher ser líder, depende do desempenho dela, fica até quando quiser continuar exercendo a função. No momento em que quiser deixar o cargo, reúne novamente com a comunidade, no pátio e avisa que vai deixar o cargo, para a comunidade fazer a escolha de uma nova líder.

Texto: Simone Crowcy Krahô

Desenho: Simone Crowcy Krahô



Mata e Árvores das Terras Krahô

Dentro das nossas terras existem vários tipos de matas, grande parte das matas faz parte do cerrado. São terras muito ricas com vários tipos de árvores que são utilizadas de vários modos, conforme a necessidade e a utilidade de cada uma delas, como para colher os frutos para comer, as sementes para fazer colar, a madeira usada para construir nossas casas e raízes para fazer remédios.

Ahkêt Jarên xà

Ahkêt kãm mã capaare, ahkrôôre, ahkrôhôn ti, prôôprô jĩ, howpyhô, mẽ hômjĩ itajê mã apu hanẽare te hajÿr.

Quê itajê nõhto jũm ato jumã quê amã ihkêanre hanẽ.

Nẽ hanẽan pom irom kãm pi cati itajê japyrÿ.

Tehti, pyrânti, kop, mĩtohkà mẽ acàare.

Pom pĩ cati japyrÿ itajê mã ihtyj mẽ ihpôc pej ca hanẽan atÿj to ajÿkwa jipêj pĩ cati itajê to.

Nẽ hanẽan pom pàakãm ampo xô itajê japyrÿ ahkrÿtre, têgràjre, apên, prĩn, hujojre, pujô xô, capôcti, krohtottinti, prykà cacôxô, wahcatẽ, pôjkôre, cumxê, mẽ, ronre, pôm ampo xô itajê mã mẽhĩ apu to apà.

Quê jũhcaxuw, jumjê càhà py mẽhũmre quêt pyjê.

Quê mẽ càhà py mẽ mẽ ampo xô itajê nõ to mẽ ihjên pàa kôt, ita caxuw mã pàa kôt ampo xô itajê, hamrẽare.

Nẽ hanẽan pôm irom kãm ampo xô itajê te hajÿar, crow, capêr, crowaràre, mẽ pôj, mẽ kôcjôjti itajê mã mẽhĩ jô irom kãm apu ihcuhhê. Quê jũm mã ampo xô itajê nõ hàn quê ha ma mẽ mẽ irom kãm ampo xô itajê nõ xà mẽ cukrê.

Texto: Batista Pôhympej Krahô

Desenho: Rayana Krancre Krahô



Cuhy Pôc Jarên Xà

__ Ýhỹ ahtu pôc mã, nê imej nare ihkêanre.

__ ita kãm: quê jũm ihpôc, quê ha ahkêt caxár tu, pryre, kwỳ capa quê ha jũhkãm apu pra hupa te.

__ Pryjara itajê ihkwỳ apu ihtor nare, quê ha cupê incre capa quêt intore cupê capa haneãn.

__ Ahtu pôc cwỳrjapê, pê marhã tahnã imej nê imej nare ihkêanre imã.

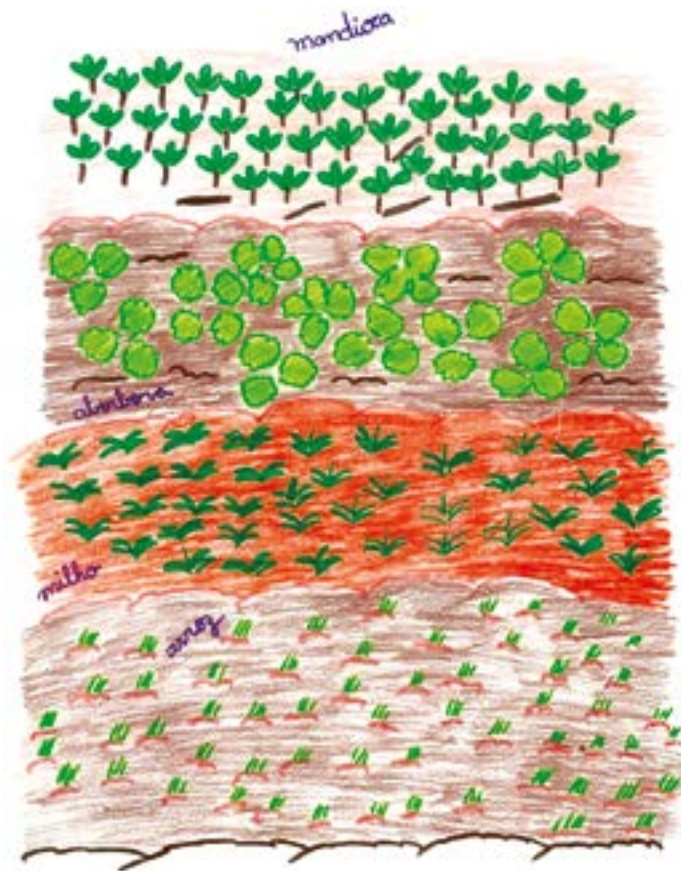
__ Pryre itajê mã nê imej nare quê cacro te ty ihkwỳ capa nare cute hajỹr nare, pryre itajê cunêa mã ihtĩr prãm.

__ Ampo xô itajê hanêan hakràj mẽ pa mã, pom ampo xô itajê: Ahkrỳtre, cũmxê, nê ampo xô johkêat... mẽ to capa mã nê imej nare.

__ Jum mã quê mẽ ampo xô itajê to, quê amẽ ihpôc nare quê imej.

Texto: Pahnajêt Krahô

Desenho: Pahnajêt Krahô



Ampo hy Kre Xà

Ampo hy kre ita caxuw Quê ha jùm ho pur kãm. Ampo hy kre pytwrý itajê nã: outubro, novembro dezembro, mẽ janeiro,

Itajê mã ampo hy cunêa, kre xà mã outubro quet novembro itajê nã ihkre caxuw impej crinare, nê quê hanêan pytwrý itajê nã iwrýc pej quê ha amã ampo cunêa hirôt pej nê ajcamê. Nê hanêan pytwrý dezembro nã.

Janeiro, ca atýj hanêan ampo itajê kre quê ha hanêan ihtýj amã impej pytwrý te quat itajê nã mã ampo hy itajê kre xa hamrê.

Texto: Joaquina Krahô

Desenho: Joaquina Krahô



Cô

Pom mẽ pa jopàn xà jakràj capẽn ita mã cô. Quê nê cô mẽ pa jĩ kãm hamrê nare.

Mẽ pa jĩ cô te dois terços jakren tu. Quê jũm apu hà pom quê ahkrajre quê nê cumã prãm nare. Wajaca mẽ to cumã pa. Mẽ hõ to nare, cô to. Xãm ta amã mẽ pa jĩ to impej.

Hapuhnã wajaca, nê prãm mã mẽ pahto hopên kên nare. Krô mã. Hirã pê harê, quê ihtỳj jũm apu hopàn nõ nã mõi to amcro to. Quê kãm ihpec, nê nê ihtyc nare. Nê cô to quê ihkõm nõõ to amcro to nê nê ihtỳj ampo cacô to ihkõm nare quê ty. Mẽ pajĩ kãm cô quê nê mẽ pa pê hamrê nare, nê cato akõm ita kãm. Mẽ pa jĩ cunêa kãm cô, mẽ pa jĩ caxuw, pean ihnõ impej nare. Pom quê cô nare. Cô mã hakràj ampo cunêa jakràj itajê caxuw pryre, pĩ xô nê mẽ pa.

Texto: André Cõtát Krahô

Desenho: Simone Crowcy Krahô



Cuhy Pôc

Ipê mã ihkêanre, nê mē pa jopàn xà to hàr caxuw impej, iram kãm pryre cunēa mã apu ipa pram. Nê cumã irom kîn.

Nê apu ipa xàa mã. Quê nê ihnõ mã cator nare nê cumã ihtír prãm, nê apu cumã ipa prãm.

Nê cumē cumã irom to impej, cumē cupê irom to caxàr nõ, cumē cupê irom to capa quê nê pryre mã impej nare, quê cupê hopàn xà to caxàr portu pea quê pryre itajê mã prãm ampo quê cukrê quê cupê kwÿhxêt pitti nê kãm cumã hõ hamrēa re hanē pea quê ihkêanre hanē.

Quê jũm ihpôc quê hã irom to caxàr tu quê ha ihpôc to mõ nê pryre imprar kêatre atajê kwÿ to capa quê ha ampo pryre pê haahê to capa nê amxy pê hãrkà to capa nê quê há hanēan ampo xô kwÿ to capa.

Texto: José Messias Krahô

Desenho: Márcia Krahô



Cuhy Pôc Jarên Xà

Ca ahtu pôc quê nê impej nare, ca ahtu pôc quê ha ma caxàr to mǎ. Pean, pryre pê ampo xô to capa, nê hanëan nê ampo pryre pê intore to capa. Mě ihkwy, mã ahtu pôc prãm, quê ha jũm apu hujahêr to mǎ nê juri irom pôc. Nê ampo kôt mã mẽ cumã irom pôc prãm? Quê ha kãm mẽ irom to hamrê caxuw.

Pean pryre pê ipa xà to hamrê pea quê hama juhkãm mǎ. Quê jũm hakôt pôc, pea quê ha kãm ampo xô itajê cunëa to capa: ahkrytre, krohtot, preykacaxô nê hanëan nê pryre kwỳ to capa pom pryre imprar kêatre itajê to hamrê.

Texto: Helena A. Krahô

Desenho: Helena A. Krahô



Família

Minha família é bem organizada e muito bonita. As famílias indígenas Krahô são muito importantes. Todas as famílias Krahô ajudam na construção das casas e vivem em paz e harmonia. Eu estou sustentando minha família, que é constituída pelo meu pai, minha mãe, minha filha e a nora de minha mãe, que mora em nossa casa.

Eu estou cuidando de minha família. Ela se junta com outras famílias, que vêm brincar na minha casa, porque todas as famílias gostam de brincar. A família é muito importante, pois sempre que se juntam, costumam ir para a roça trabalhar bem cedo.

Texto: Márcia Pryhkwỳj Krahô

Desenho: Meiridalva Côhhôc Krahô



Mẽ ipam jê

Ûhỹ pa wa inxê capehnã wa apu ipa, inxê mã juhkãm cumã hy prãm nare. Ra ajtea cumã ikre. Nê mẽ ikjêjê cahãj piyakrut, ra ajtwar mẽ impjê. Kôt, mã itõj ikrãri ra ajtea cumã hurkwa nê ra impjê mẽ apu ajpẽn to. Nê ita Kôt mã ijõ wej jurkwa kãm mã cormã amẽ nê pawa mã ijõ inxê capehnã apu cormã, nê ipjê nare kôt mã, wa cormã itỹj ijõ inxê kô ajcamẽ nê quê ha amcro nõ quê ha nê imã impej nare.

Texto: Carmem Lúcia Krahô

Desenho: Carmem Lúcia Krahô



Krahô Jô Irom mē Ahkêt

Ahkêt kãm mã capare nê kãm ahkrôhõnti nê haneãn kãm prôprôp xô nê kãm hõmjire. Nê hanëan cunê mē amjĩ pê mē ihpôc nare kôt mã mē pa mã pryre. Nê Irom kãm pĩhtýj itajê japry:

Pyrãnti, tehti, kopcahhàcre, acàare mē pĩ itajê mã ihtyj ca atýj to ihkre nõ jipêj nê mē pa jô irom ita kôt mã pĩ týtj crinare cunê amē pĩ týtj itajê jakep pej nare. Pà kãm ampo kô japry itajê:

Ahkryt, prĩn, krohtottinti, prykãhcacô xô, apên capôcti, wahcatëti, pôjkôõre, têgrãjre xô, cũmxê, hôõji proore, ronti, Krockroc pênõ. Irom kãm ampo xô japry:

Crow, capêr, crowaràre, pøj, têêcrê, hõmjire xô, itajê mã mē ijõ irom kãm, kôt wa nê amē amjĩ pê irom ita pôc nare cu jaman mē amjĩ pê mē irom ita pôc kôt cu amē ampo xô itajê kur nare. Jã mãn pryre kwý apu prãm nã ipa.

Texto: José Crerôtyc Krahô

Desenho: Sharlene Carãhtu Krahô



Mata e Árvores - Irom mẽ pĩ

As matas e árvores nas terras dos Krahô são muito diversas, pois a nossa terra é muito boa e produtiva. Existem muitas árvores frutíferas e medicinais. Os mehĩ gostam muito de sair para o cerrado procurar frutas silvestres para se alimentarem.

Ahkêt kãm ampo mārnhã. Ahkêt kre kãm? Capare, nê ahkrôre, ahkrôhõnti, prôprôpji, howpyhõ mẽ hõmgire, ampo itajê.

Irom kãm pĩ tỳj japyrý:

Nê haprý itajê tehti pyrãnti kop mẽ mĩito kà, itajê.

Ampoxô: ita haneãn pà kãm nê haneãn, irom kãm apu ipar ihcuhê ampo itajê, ahkrýtre. Apên, prĩn, têêgrãjre, mẽ pujõ xô capõcti krohtot mẽ wahcatê, prykà, cacõxõ.

Põjkõõre cumxê hõjiproore mẽ wahcatê: mã ampxõ japyrý itajê ihkõt mã irom kãm ampo itajê: mã ampxõ japyrý itajê ihkõt mã irom kãm ampo itajê: crow, capêr, kõcjõjti crowarare põjti mẽ ronre krockrocpenõ ampo itajê mã irom kãm, ahkêt irom pà itajê, ahpan ampxõ ampo japyrý hamrê.

Texto: Carmem Lúcia Kriri Krahô

Desenho: Mateus Xooco Krahô



Matas e Árvores de Nossa Terra

Nós, Krahô, observamos a mata e as florestas. No cerrado existem muitos tipos diferentes de matas. Cada árvore e cada fruta possuem um nome específico, tais como cajuzinho, mangaba, pequi e maçaranduba. As mulheres sempre saem para procurar estas frutas, pois são muito gostosas e muito importantes para nós Krahô. Além das frutas, os animais e pássaros também são muito importantes para nosso povo.

Então, nós não podemos fazer queimadas, pois não podemos queimar a nossa natureza. Os homens gostam de pôr fogo nas matas, mas isso é muito perigoso, pois pode queimar tudo, matar os pássaros, animais como tatu, paca, cutia, cobras, e todas as caças que existem na nossa reserva, bem como queimar as frutas do cerrado. Queimando tudo, nós ficamos sem frutas, animais e sem caça.

Antigamente os indígenas caçavam e pescavam e não faltava carne nas nossas casas. As mulheres gostavam de procurar frutas no brejo, onde tinha buriti, e no cerrado bacaba. Há muitas frutas na nossa natureza.

Texto: Carmem Lúcia Xâprê Krahô

Desenho: Carmem Lúcia Xâprê Krahô



Cyhy Pôc

Ûhỹ cuhy ita mã impej mẽ pa jõh cahõn xà caxuw, pean nẽ hakõt mẽ irom caxuw, mã impej nare. Quê ha mẽ ihpõc prãm catêjê nõ ahkêt pôc quêha ihkêanre hanẽ mẽ pa mã nẽ hanẽan pryre mẽ ampo pryre jara re itajê mã. Quê ha ahkêt pôr quê ha ihkũm incrinare hanẽ, nẽ mẽ pa cacrohti hanẽ.

Quêha ahkêt pôr nẽ ampo kwý to ihkên, nẽ pryre imprar kêt itajê cucac, nẽ ampo pryre jarare itajê pê intore to capa, pea quêha pryre ampa pê apu ipa, ca nẽ tapi pryre nõ nã acator nare.

Texto: Marcos Rõrehhõ Krahõ

Desenho: Marcos Rõrehhõ Krahõ



Queimadas

Praticar as queimadas é uma prática muito ruim, principalmente, quando queimam as matas de nossa reserva. Quando as pessoas vão caçar na mata e alguém joga um toco do cigarro no chão, pega fogo nas árvores, nos animais, nas frutas, nas casas, nas roças e se espalha pela reserva. O fogo só acaba quando destrói a natureza, os animais, e as florestas, deixando para trás apenas tristeza. Quando acontecem as queimadas, os animais sofrem de calor, de fome, de sede e acabam morrendo. As plantas frutíferas também não reproduzem cajuzinho, cajá, mangaba, buriti, pequi, tucum, araçá e outras frutas que servem de alimentos para a nossa comunidade.

Vamos cuidar de nossas matas, para melhorar nossas vidas e nossa saúde. Não podemos destruir a natureza, pois queremos um mundo limpo, bonito e saudável para as pessoas, os animais e as plantas.

Só devemos colocar fogo na natureza, quando precisarmos fazer roça, mas antes disso, há a necessidade de se fazer o planejamento, para o fogo não se alastrar pelas matas, pois o fogo quando é mal usado, destrói a natureza e isso é muito ruim para a humanidade.

Texto: Marcela Pahnajêt Krahô

Desenho: Devair Tortot Krahô



Hidrografia

A área indígena Krahô está situada entre dois Rios, denominados Manoel Alves Pequeno e Manoel Alves Grande. Há também um terceiro Rio chamado de Rio vermelho que fica próximo à aldeia Rio Vermelho. Dentro da área indígena passa o riozinho localizado perto das aldeias que são: Aldeia Barra, união das aldeias, aldeia Água Fria. Na aldeia Água Branca existe um ribeirão muito bonito, por isso é chamado de Água Branca, porque a água é muito limpa e bonita de se ver.

A aldeia Manoel Alves pequeno fica próximo ao rio Manoel Alves Pequeno, mas a água que o povo consome é de um Córrego Água Fria, que possui uma beleza de água. Há quatro quilômetros dessa aldeia, passa o Ribeirão dos Cavalos, que faz encontro com o Rio Manoel Alves Pequeno.

A água é muito importante para o povo Krahô, porque sem ela ninguém viveria. Pois, a água serve para banhar, lavar pratos, lavar roupas, beber e cozinhar. É por isso que as aldeias Krahô ficam sempre próximas das águas.

Devemos sempre preservar esses rios e córregos, para não secarem. Para isso, não desmatamos, não fazemos queimadas, não jogamos lixo dentro dos rios.

Temos que respeitar a natureza e nunca fazer mal a ela, porque ela faz parte da nossa vida. Todos os córregos, lagos e rios que passam na área indígena são preservados e essa água não é contaminada, pois nós a utilizamos para beber.

Texto: Tiago Capêrkà Krahô

Desenho: Tiago Capêrkà Krahô



A Importância do Pátio

O pátio é muito importante para o povo Krahô, porque nele é onde se decidem todas as atividades que serão realizadas e desenvolvidas, bem como os trabalhos que são feitos nas roças comunitárias, as festas culturais, além da escolha das pessoas que vão cortar a tora.

No pátio, a comunidade da aldeia se reúne pela manhã e à tarde, por volta das 16 horas, para discutirem as atividades da aldeia e, depois, vão tomar banho.

Após o banho, voltam, juntam-se novamente no pátio e ficam até às dez horas, depois vão dormir.

De madrugada, o cantor vai cantar no pátio, e as mulheres também saem de casa para cantarem com ele até o sol nascer.

O povo Krahô não pode esquecer o pátio, pois se esquecerem do pátio, a cultura vai acabar. O pátio é lugar sagrado para o povo Krahô.

Texto: Mário Ahkohxê Krahô

Desenho: Mário Ahkohxê Krahô



O Pátio

O pátio funciona como o nosso congresso. É o local onde o cacique, os conselheiros discutem e definem todas as programações das festas e os problemas da comunidade.

No pátio é o lugar onde são determinadas todas as ações da aldeia, tais como, as festas, danças, caçadas, as corridas de tora, de flecha, as cantorias de homens e de mulheres. Por isso que o pátio é muito importante para nós indígenas. Com isso, todas as casas da aldeia estão ligadas diretamente ao centro através de ruas.

É no pátio que transmitimos todas as informações sobre nossa cultura, nossas decisões, discutimos todos os problemas e recebemos as críticas tanto sobre a aldeia quanto da cidade. O pátio possui duas divisões ou metades, denominadas Catãmjê e o Wacmējê, ou seja, os partidos do Verão e do Inverno.

Texto: Ronaldo Krahô

Desenho: Ronaldo Krahô



Família

Eu e a minha família moramos juntos na mesma casa e para sempre viveremos na aldeia, como forma de preservar nossa língua e cultura.

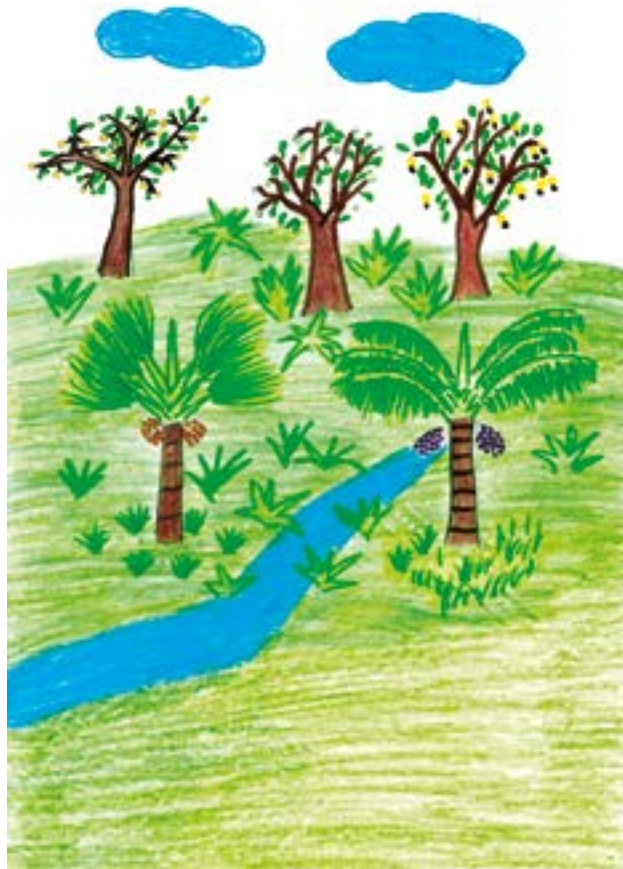
Eu sou assim, quando meu marido mata alguns bichos, eu distribuo com toda minha família.

Todas as famílias Krahô são assim. Moram juntas, comem juntas, por isso eu amo minha família, procuramos viver em paz, sem briga. Para sustentar a família, todos os dias os pais cuidam dos filhos, o pai tem uma tarefa e a mãe possui outra, mas cada um respeitando nossa cultura. Fazemos isso todos os dias, pois a nossa vida é muito curtinha, por isso temos que viver feliz na aldeia.

Eu gosto da minha família, pois vivemos com saúde na aldeia. Moramos todos juntos na mesma casa com pai, mãe, as filhas, filhos, genros e noras.

Texto: Karina Krahô

Desenho: Karina Krahô



As Frutas que Existem na Reserva

Aqui na área Krahô existem muitas frutas do cerrado, tanto na mata quanto nos brejos. Então podemos encontrar qualquer tipo de fruta dentro de nossa reserva Krahô.

As frutas que existem em nossas matas são as seguintes, murici, manga, bacaba, bacuri, oiti, hujojti, kruwaxô, təc rãrtixô, wahcatê, caprãre jõxô, cajujinho, prykahcacôxô, pujõxô, além dessas existem aquelas que são encontradas nos brejos como, buriti, buritirana. Além dessas frutas, existem também as que davam na roça, mas no passado, pois hoje existem outras como: cupa, carampa, amendoim, inhame, que se chama homijre e rohti. Estes atualmetne não existem mais. Portanto nós cuidamos e preservamos todas as frutas da nossa área, porque usufruirmos e colhemos para alimentarmos nossas famílias.

Na época da colheita, as mulheres e crianças saem para buscar as frutas, uma vez que existem frutas em todos os locais da nossa reserva. É um período muito bom, pois todos vão às matas colher frutas, todas muito saudáveis e gostosas.

Por isso é importante para nós, Krahô, cuidarmos da natureza, preservando-a, não podemos queimar as matas, nem destruir nossa floresta, pois a natureza é muito importante para os indígenas. É dela que muitos tiram o sustento de suas famílias. Não podemos acabar com nossas matas e com nossa floresta.

Texto: Karina Krahô

Desenho: Natália Krahô



A Aldeia

As aldeias Krahô possuem o formato de um círculo. No centro, existe um local muito limpo, cujo nome é pátio, onde são realizadas as reuniões, as festas, bem como o local, onde as crianças brincam. Em volta desse círculo, estão as casas, para cada casa existe uma estrada em direção ao pátio. A aldeia é em formato de sol.

Do outro lado do pátio, existe o Krêcape para os homens e mulheres correrem com a tora e flecha.

As aldeias estão localizadas próximas ao local onde existe água muito boa e limpa. Possuem também terras muito boas para plantação, muitos matos e bastantes animais.

A organização social de nossas aldeias é composta por um cacique, um vice cacique, governadores, conselheiros, cantores, jovens, moças crianças e velhos.

Os moradores da aldeia podem plantar frutas nos quintais de suas casas, bem como criar animais selvagens como quati, macaco, tracajá ou outros animais domésticos como cachorros, gatos, galinhas e patos.

Texto: Rafaela Hoký Krahô

Desenho: Rafaela Hoký Krahô



Energia Elétrica

A energia elétrica é muito perigosa, por isso ainda não temos energia em nossa aldeia. Se um dia tiver energia aqui na aldeia, vai ser muito perigoso para todos nossos familiares. Mas de certa forma também, temos que saber que a energia possui suas vantagens.

A energia na aldeia pode trazer alguns benefícios como conservar nossos alimentos, a merenda escolar para as crianças. Pode utilizar geladeira, som, televisão, luz para nossas casas e para o pátio.

Por isso é importante para os mais novos, já para os mais velhos, que estão acostumados sem energia, não precisam dela, no entanto os mais novos precisam muito da energia elétrica na aldeia, porque os mehĩ gostam muito de assistir às novelas, aos filmes e ouvir som.

Também com a energia, qualquer pessoa pode fazer geladinho, para vender, guardar muitas coisas como carne, sobra de comida, as frutas. Mas temos medo na época das chuvas, porque energia é muito perigosa.

Muitas pessoas já morreram por causa dela. Quando chegar energia aqui em nossa aldeia, devemos ter muito cuidado com as crianças, para não tomarem choque.

Texto: HohKwỳj Krahô

Desenho: Diana Caxàt krahô



Construção de Casas Krahô

As nossas casas são construídas apenas de palhas e não possuem telhas. Quando um indígena Krahô vai construir sua casa, inicia indo à mata cortar as forquilhas, os caibros, travessas, taboca, palhas e embira para fazer o amarradio das palhas.

Então, mede o tamanho da casa, depois de medida, cava os buracos, coloca as forquilhas e as travessas. Após esse momento, reboca as paredes com barro, põe as tabocas e coloca as palhas. Feito isso, busca barro para fazer o piso do chão.

Ao terminar a construção da casa, a família vai morar na casa nova. Toda família, na nossa sociedade é constituída de pai, mãe, filhos, noras e genros.

Texto: Débora Intohhóc Krahô

Desenho: Rômulo Krahô



Construção das Casas

Nas aldeias Krahô, os próprios indígenas fazem as construções das casas para morarem com os seus familiares. A construção da casa não é muito difícil. Primeiro alguém vai ao mato, para escolher as palhas, as tabocas, os caibros, as travessas, o pati e a terra. De tudo isso a pessoa vai precisar para construir a casa, mas não tem como uma pessoa sozinha construir uma casa; ela precisa da ajuda de alguém.

Quando uma pessoa for fazer a casa, escolhe os materiais que possuem mais durabilidade, além de escolher um local apropriado, onde ele possa construir sua casa. Ao começar a construção a família toda vai ajudar. Então, vai ao mato cortar as palhas e trazer para aldeia, os homens trazem nas costas, os filhos cortam as palhas; já as mulheres ajudam a trazer as palhas cortadas para aldeia.

Ao chegarem à aldeia, as mulheres batem as palhas para amolecerem. Depois desse momento, os homens tomam conta da construção, pois as mulheres não trabalham na construção das casas, visto que isso é uma tarefa masculina. A casa é muito importante para todo o povo Krahô, pois a casa é construída de acordo com nossas tradições e cultura; uma vez que ela é muito diferente da casa dos não indígenas.

Texto: Diana Krahô

Desenho: Mariana Carãh Kuryj Krahô



Meio Ambiente

O meio ambiente é muito importante para todos os seres vivos, principalmente para os povos indígenas Krahô, que há muitos anos sobrevivem do meio ambiente. Para que ele seja conservado, o povo Krahô vem lutando para preservar a natureza.

Todos os indígenas estão se conscientizando de que não podem poluir os rios e córregos, porque neles estão os peixes, bem como não podem derrubar as árvores e queimar as matas porque nelas encontram caças, frutas, além de retirarem a madeira para a construção das casas.

Para isso, os Krahô estão derrubando apenas as árvores, que ficam no local onde vão fazer a roça.

Assim como o meio ambiente precisa sobreviver e ser preservado na sua forma natural, nós seres humanos precisamos cuidar bem da natureza, porque se ela for destruída e queimada ela não vai mais produzir nossos alimentos. Por isso, nós Krahô não fazemos desmatamentos desordenados, cuidamos bastante do meio ambiente.

Texto: Simone Crowley Krahô

Desenho: Tais Põcuhntô Krahô



Queimadas

As queimadas são ruins para as populações indígenas, porque existem muitos animais na floresta e o fogo queima tudo e devasta toda a natureza. Por onde o fogo passa consome tudo, matas, florestas, pássaros e animais.

Com as queimadas, os animais saem da floresta e são mortos por caçadores ou queimados no fogo. Os animais só conseguem viver na floresta, por isso ela é o local onde todos vivem e se reproduzem. Lá eles vivem muito bem e felizes, pois conhecem todas as matas, alimentam-se das frutas que encontram na floresta em que vivem.

Então, não podemos queimar a floresta, temos que cuidar muito bem dela, pois quando não existem queimadas, os animais ficam alegres e a floresta também, portanto não devemos praticar as queimadas, que ocorrem nos meses de junho a setembro.

O ser humano é quem prejudica a floresta, pondo fogo nas matas e na floresta. Assim, o fogo queima todas as árvores, até os ninhos dos passarinhos, as frutas que ficam no meio da natureza; e os animais que querem sobreviver ao fogo, tentam fugir com medo do fogo, mas acabam morrendo queimados.

Texto: José Messias Krahô

Desenho: Zacarias Rêj Krahô



Agricultura

O povo Krahô para cultivar a terra, sempre usa ferramentas manuais. Mas para isso, existe o tempo certo para a escolha da mata, onde vai fazer a derrubada, para por a roça. O período escolhido é o mês de julho. Neste mês, o povo Krahô vai procurar a mata para colocar a roça num lugar adequado e onde a terra é fértil para produzir muitos legumes. A terra não pode ser muito árida, pois esse tipo de terra não é bom para plantar.

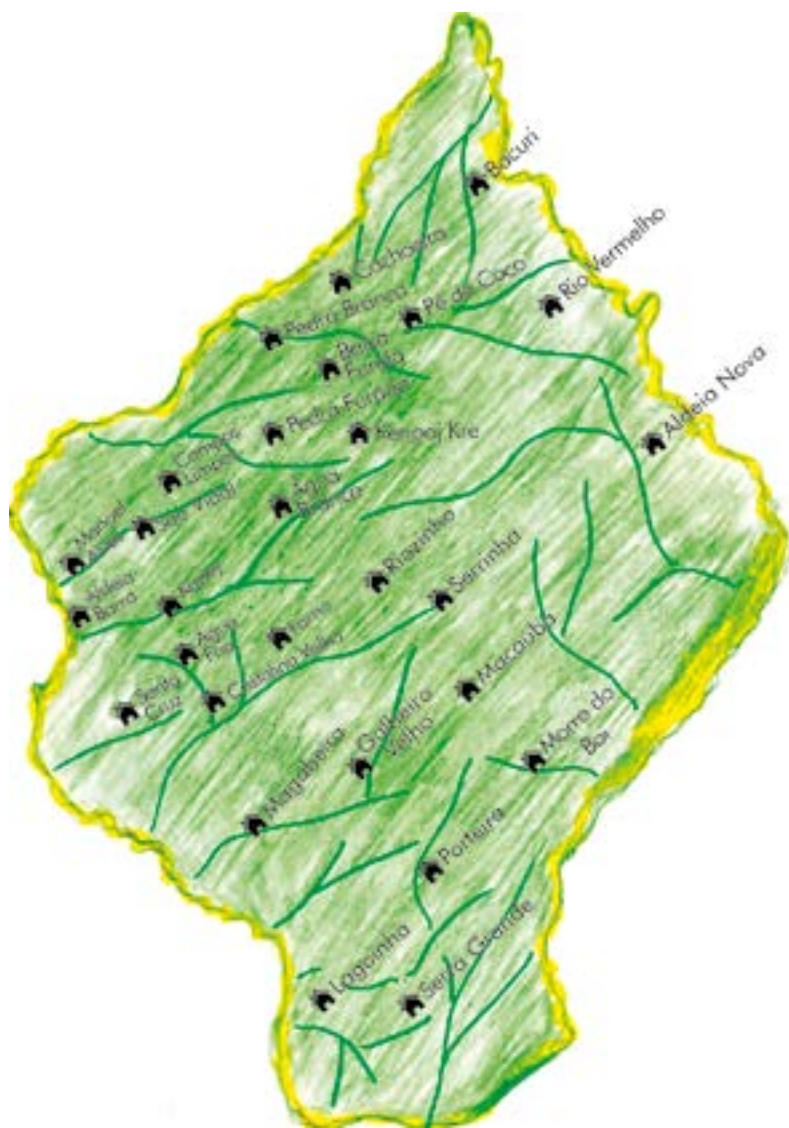
Os Krahô começam derrubando as árvores menores e mais finas com foice, limpando a área onde vai ser plantada. Derrubam todas as árvores grandes com machado, e quando chega o mês de agosto, eles põem fogo, depois da roça queimada e pronta, iniciam o plantio de arroz, mandioca, andu, feijão, inhame, batata-doce, melancia, abóbora e cana. Quando chega a época da colheita, todos aqueles que ajudaram na plantação, irão juntos para colher o que plantaram. Depois das colheitas, eles dividem os alimentos, entre eles.

Portanto, é desta forma que o povo Krahô faz ao plantarem um roçado, tudo é feito de acordo com a cultura deles. Todos os anos, os krahô fazem as roças e vivem cultivando a terra e plantando. É assim que esse povo vive.

Texto: Tiago Krahô

Desenho: Ovidio Krahô

Reserva Indígena Krahô



Os Krahô vivem no nordeste do estado do Tocantins, na terra indígena Krahô denominada Kraholândia, situada nos municípios de Goiatins e Itacajá, entre os rios Manoel Alves e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Rio Tocantins. O cerrado predomina nesta área, cortada por estreitas florestas que acompanham os cursos de água. É mais larga a floresta que acompanha o curso do Rio Vermelho, que faz o limite a nordeste do território indígena. A reserva indígena Krahô é composta por 29 aldeias bem próximas umas das outras. Algumas aldeias estão localizadas no município de Goiatins e outras no município de Itacajá. As do município de Goiatins são: Manoel Alves, Pedra Branca, Campos Limpos, Pedra Furada, Cachoeira, Kenpoj kre, Água Branca, Pé de Coco, Baixa funda, Baccuri, Rio Vermelho, Mãcrare, Aldeia Nova, São Vidal. As aldeias que pertencem ao município de Itacajá são as seguintes: Água Fria, Barra, Santa Cruz, Cristalina, Mangabeira, Forno Velho, Macaúba, Galheiro, Riozinhos, Porteira, Morro do boi, Serrinha, Serra Grande, Lagoinha. Cada

aldeia fica perto dos rios, grotas ou córregos. Local próprio para plantar e caçar.

Na reserva indígena Krahô existem vários tipos de frutas como, buriti, cajuí, oiti, fruto da quaresma, mangaba, pequi, buritirana e outros. Também existem vários animais que vivem na reserva Krahô como, tatu, anta, onça, veado, paca, bem como vários tipos de aves como arara, papagaio, beija-flor, tucano, pomba, periquito, rolinha e coruja. Existem também nessa área vários tipos de plantas que servem para remédio e para confecção de artesanato, além de muitas nascentes de água. Além das frutas e dos animais, utilizamos também a madeira, palha, embira, para construções das nossas casas. A reserva indígena é muito importante para todos nós, por isso temos que cuidar para não queimar, não jogar lixo nos rios, preservar nossa terra, para que nossos filhos e netos possam viver bem nela.

Texto: Diana Caxat Krahô

Desenho: Rogério Xipró Krahô



Compras na Cidade

Na cidade existem muitas mercadorias, para as pessoas comprarem. Antigamente, quando não havia mercadoria para as pessoas comprarem, elas tinham que trabalhar para produzir seu próprio alimento para sustentar a sua família.

Antigamente nas nossas aldeias era assim também, o povo Krahô trabalhava muito, plantava feijão, andu, arroz, mandioca, abóbora, batata-doce e outras coisas que serviam para alimentação.

Quando o povo Krahô fazia a roça, a comunidade se reunia no pátio, para fazer o roçado. O cacique da aldeia explicava tudo para eles e a comunidade escutava tudo que ele havia explicado. Antes era assim, os mais novos respeitavam aos mais velhos e a comunidade, mas hoje em dia, tudo está mudado, os mais novos não respeitam os velhos e a comunidade. Quando o cacique os manda trabalharem, eles fazem que não escutam e não cumprem a palavra dele.

Hoje em dia os mais novos não trabalham na roça, vão para a cidade, comprar o que vão precisar, como óleo, açúcar, café, sabão, também os panos e as roupas para eles se vestirem.

Quando alguém precisa de alguma coisa, vai à cidade a pé e ao chegar à cidade, ele vai tirar o dinheiro no banco e compram as mercadorias na loja ou no mercado. Compram o que eles precisam e voltam para aldeia.

Muitos deles fretam carro para voltar para aldeia, quando chega à aldeia, as famílias deles ficam muito alegres com as compras que eles fizeram. O povo indígena Krahô atualmente age dessa maneira.

Texto: Diana Krahô

Desenho: Sharlene Cahàhtu Krahô

Roças de Toco



Primeiro a pessoa sai da aldeia para o mato, onde vai escolher o local para fazer a roça. Entra na mata, vai vendo e andando, para escolher o lugar melhor. Um lugar que serve para tudo, tudo que se plante dá. O melhor lugar é onde tem terra preta ou vermelha, com menos areia. Esses lugares geralmente têm inajá, bacaba, cajá e buriti. Tem que ser um lugar úmido.

Quando encontra um lugar assim, é o lugar certo para fazer a roça. A pessoa deixa marcada sua roça. Em seguida, vai começar a brocar, mas é importante conservar a mata em torno dos rios e córregos, para evitar que a terra seja carregada para dentro da água. Quando terminar de brocar, a pessoa vai começar a derrubada. Para fazer isso, é preciso ter um machado bom e bem amolado na pedra ou na lima do Cupên.

Outro fator importante, quando começar a derrubar, não deve ser de qualquer maneira que se faz a derrubada, tem que ser da forma certa. Tem que prestar muita atenção às árvores, para que lado elas vão cair, para não enganchar em outras árvores e assim, cair certinho no chão. Se a pessoa começar

assim, não vai ter perigo nenhum na hora da derrubada, termina as derrubadas sem problemas.

A derrubada deve ser feita inicialmente pelos cortes dos galhos, para depois que puser fogo, queimar bem todos os galhos e não apenas deixar sapecados. Após a derrubada, deve-se esperar sempre o mês de junho ou julho, para acabar a derrubada. Feito isso, faz-se o aceiro em volta da roça toda, para não ter perigo de pegar fogo em outras áreas.

A pessoa continua trabalhando com o machado, cortando os galhos que não foram queimados, vai coivando ao mesmo tempo, se puder ir queimando logo, já pode. Depois que encoivarar e queimar tudo se quiserem já podem plantar algumas sementes, mas para plantar, devem-se escolher quais as sementes que pode plantar, dependendo do mês e da lua.

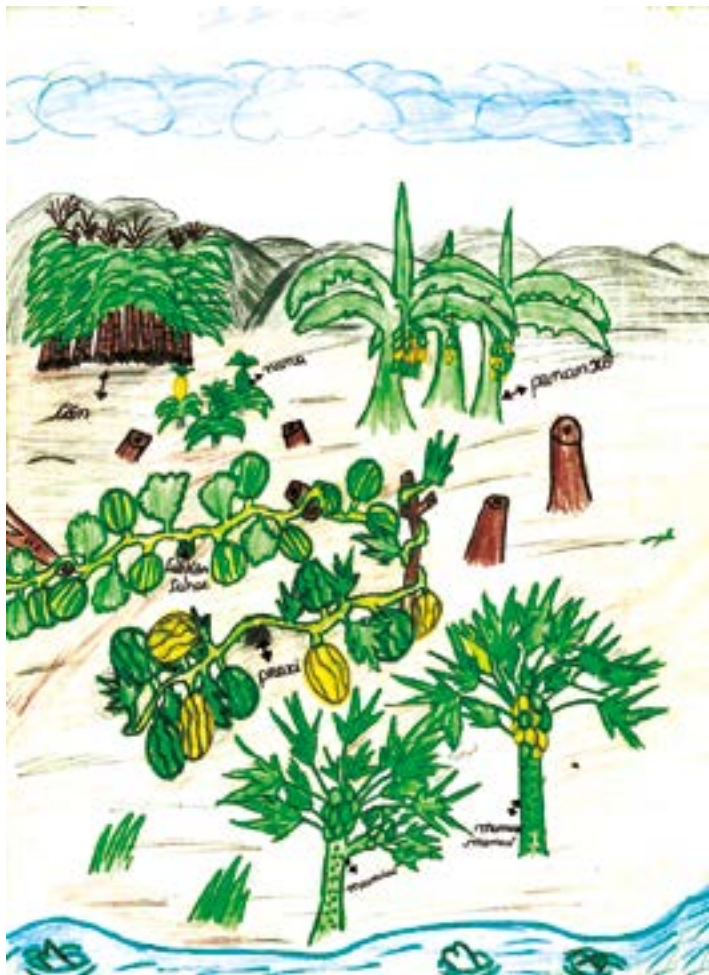
Também usa a enxada na roça, para capinar e plantar. Pode usar também o facão, para cortar o mato de toco, onde não der para cortar com a enxada.

O mês da derrubada é sempre o mês de junho ou julho. A pessoa tem que trabalhar muito na sua roça e plantar todos os legumes. A pessoa não vai se preocupar com nada, porque tem tudo plantado na sua roça. Isso é muito bom para a pessoa e sua família se alimentar.

A roça dá muito trabalho, mas por outro lado, é muito bom, porque da roça vem todos os alimentos para as famílias comerem todos os dias. Por isso é bom trabalhar na roça.

Texto: Dodanin Krahô

Desenho: Dodanin Krahô



A Agricultura Sustentável: Uma Opção Inteligente

A distribuição desigual dos recursos e o elevado desperdício de alimentos nos processos de transporte, armazenamento e vendas são alguns dos problemas de nosso País.

Essa situação se agrava em virtude do modelo fundiário de nossa colonização que concentrou a propriedade de grandes áreas rurais na mão de poucas pessoas.

A reforma agrária bem distribuída, aliada à agricultura sustentável pode significar uma agricultura que seja socialmente justa e bem definida, isto é, economicamente variável e ecologicamente equilibrada.

A Agricultura Orgânica e Agricultura Familiar

Utilizam técnicas que visam o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis na propriedade na qual é realizada. Faz uso de adubos produzidos com esterco de animais e vegetais em decomposição. Utilizam, de forma racional, os recursos hídricos, sem contaminá-los.

A agricultura orgânica busca melhorar a qualidade dos alimentos, sem contaminar produtores e consumidores, respeitando e preservando o meio ambiente. Apesar dessas vantagens, a agricultura familiar corresponde à produção agrícola de pequenos e médios produtores rurais no Brasil, que corresponde cerca de 50% da produção, embora utilize somente 20% das terras produtivas e concentra-se em alimentos básicos da dieta brasileira tais como feijão (67%), milho (49%), mandioca (84%), leite (54%) hortaliças e pequenos animais.

Texto: Tiago Kapêr Kô Krahô

Desenho: Tiago Kapêr Kô Krahô



O Meio Ambiente

O meio ambiente na nossa reserva é muito rico. Por isso, nós preservamos a natureza e os rios, porque os seres vivos dependem da natureza, e a natureza depende dos seres vivos. Muitas pessoas são contra a nossa natureza, tem gente que derruba as madeiras e faz muita poluição. A natureza é importante para a nossa sobrevivência.

Na nossa região existem muitos lagos, devemos, pois preservar a natureza e não jogar lixo nos rios, pois temos que cuidar bem deles, além de não por fogo na mata, porque se não tem mata, os animais vão para bem longe, procurar outro lugar para viver, onde não há desmatamento e o meio ambiente é bem preservado.

Primeiramente o não indígena faz muito desmatamento, derrubam as madeiras, acaba com a mata toda, com a máquina e motosserra. Assim, a mata não nasce novamente e os lagos e rios que existem naquele lugar secam e os peixes morrem. Eles fazem plantações muito grandes de soja, feijão e milho. Jogam veneno nas matas e as matas não nascem de volta e o meio ambiente fica prejudicado.

Texto: Edinaldo Pirca Krahô

Desenho: Edinaldo Pirca Krahô



A Pesca com Tinguí

A pesca com tinguí é realizada pelos homens da comunidade da aldeia. Antigamente os nossos bisavós cultivavam muito essa planta para matar os peixes. As pessoas como os pescadores e caçadores que andavam no mato descobriam o local onde existiam muitos peixes e eles sabiam onde os encontrar.

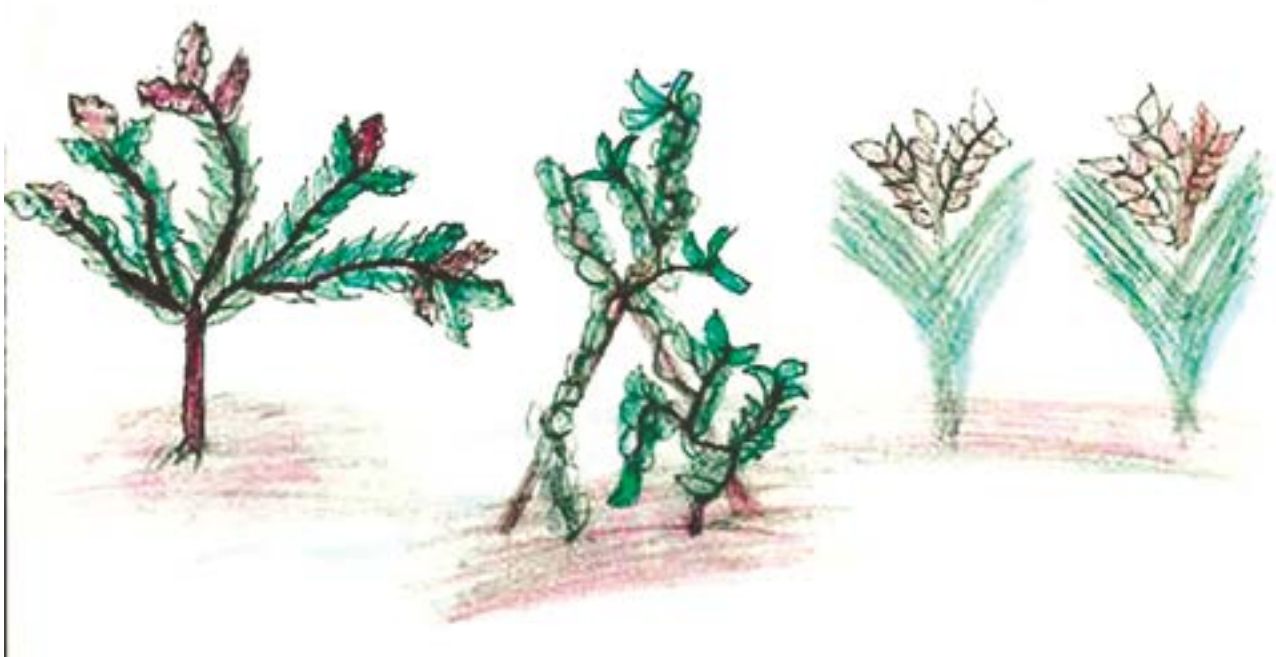
Esta pessoa avisava para a comunidade da aldeia que tinha encontrado um lugar muito bom para praticar a tinguizada. Assim, a comunidade marcava o dia e a data para tirarem as raízes e iam juntos para o mato. Então, eles faziam isso e todos eles iam pintando os animados, menos os homens cuja esposa estava grávida. Estes homens não deveriam ir com eles, pois eles podiam fazer os peixes sumir e outros não pegarem os peixes.

Quando eles chegavam ao local, mandavam entre quatro e seis pessoas baterem as raízes de tinguí no córrego escolhido, e todos ficam esperando no lugar onde estavam. Depois que os homens terminavam de bater o tinguí, alguns minutos depois, eles mandavam de novo os dois jovens fortes ver se os peixes realmente já estavam prontos para pegarem. Estes dois jovens matavam os peixes e levavam para a comunidade no lugar onde estavam esperando.

Logo que a comunidade via os dois jovens trazendo os peixes, iam bater as águas e continuar matar os peixes. Depois disso, eles terminavam a tinguizada e os jovens iam correr com a tora para a aldeia. Os velhos traziam os peixes para a aldeia, chegando à aldeia, todos na comunidade comiam os peixes pescados com o tinguí.

Texto: Marciana Wôprêp Krahô

Desenho: Marciana Wôprêp Krahô



Geografia Agrária

Os indígenas Krahô continuam morando nas aldeias, poucos moram nas cidades. Os indígenas que moram nas aldeias continuam trabalhando na roça, plantando andu, fava, arroz e a colheita não é feita somente por uma pessoa. O dono da roça avisa para os outros companheiros para irem colher arroz e andu. Esta é uma tarefa somente das mulheres, mas depois de feita a colheita, tudo é distribuído entre as famílias, para que elas possam se alimentar bem.

Texto: Sandra K. H. Krahô

Desenho: Sandra K. H. Krahô



Geografia Cultural

O povo Krahô habita a nordeste do Estado do Tocantins, entre os Rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, entre os municípios de Goiatins e Itacajá.

Nas nossas aldeias, o povo Krahô continua fazendo as festas tradicionais da nossa cultura. Cortam os cabelos, pintam-se com jenipapo ou com pau de leite.

O povo Krahô faz as roças para sustentar sua família. Para fazer as roças, usam facão, enxada, foice, machado, além de outras ferramentas.

Para isso, escolhem um bom local, mas derrubam o mato somente o necessário para plantarem, procuram não degradar o meio ambiente nem prejudicar a natureza. Depois de brocado, põem fogo, mas o resto que não queima, fazem as coivaras e depois põem fogo novamente até queimar tudo. Quando termina de fazer a roça plantam arroz, banana, andu, fava, milho, batata doce e mandioca. Portanto é desses produtos que o povo indígena Krahô se alimenta.

Na aldeia onde moro, existem várias famílias e cada uma dessas famílias possui sua casa para morar e existem muitas crianças, jovens, velhos e mulheres.

Texto: Diana Caxát Krahô.

Desenho: Diana Caxát Krahô.



Geografia Urbana

A Geografia Urbana está voltada para área das cidades. Seus processos de crescimento avançam constantemente. Portanto, enquanto fenômeno geográfico, a urbanização se apresenta como um conjunto de processos coordenados pela ação do homem. Fato esse que vem acontecendo com as cidades que ficam próximas das reservas e aldeias indígenas. A cada dia que passa, elas estão mais próximas das aldeias, trazendo uma série de fatores negativos para os povos indígenas. Como é de nosso conhecimento, cada cidade apresenta suas especificidades e particularidades próprias, bem como as pessoas que se inserem neste espaço acompanham também os diferentes modos de vida de avanço tecnológicos, dentre outros. Com o tempo, as cidades vêm crescendo de forma diferente e desigual.

Atualmente, as cidades próximas da reserva Krahô têm avançado muito em direção às aldeias, causando uma série de transtorno, tais como doenças, bebidas alcoólicas, doenças e a falta de produção de alimentos pelos indígenas, visto que vão fazer compra nas cidades.

Nós, Krahô que moramos na aldeia, sempre vamos à cidade de Itacajá para fazer compras de arroz, feijão, óleo, macarrão, carne, e outras coisas.

Texto: Rogério Xipró Krahô.

Desenho: Rogério Xipró Krahô.



Hidrografia Krahô

Os Krahô vivem no nordeste do estado do Tocantins, na terra indígena Kraolândia, situada nos municípios de Goiatins e Itacajá, entre os Rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno.

A reserva indígena é uma área rica em água. Existem muitos córregos e riozinhos, Rio Vermelho, Córrego Água Fria, Córrego Grudada. Nestes rios, ainda existem muitos peixes. Os Krahô não podem derrubar as árvores na beira do córrego, se derrubar, o córrego vai secar e todos os rios e os peixes vão morrer.

Tudo que existe na reserva Krahô não pode ser destruído, porque de tudo isso também precisamos, assim como da natureza, da água, das matas, das árvores, pássaros e animais. Na reserva Krahô há bastantes riquezas de florestas, rios e nascentes.

O povo Krahô andou por vários quilômetros e sofreram bastante por onde andaram. Tiveram muitos problemas de saúde, alimentação e perda de familiares. Mesmo assim, a vida do povo Krahô não era muito ruim, porque por onde andavam influenciavam-se e misturavam a cultura indígena com a não indígena.

Além dos fazendeiros, outro problema era causado pelos missionários, que seguiam os Krahô para atrapalhar a cultura e ensinando a cultura não indígena.

Até hoje na reserva Krahô existem milhares de riquezas e ainda hoje os não indígenas continuam tentando destruir a sua reserva e a dos Krahô, pois dentro dela há várias coisas interessantes como frutas, árvores e outras. Na reserva Krahô tem tudo que você precisa. Tudo o que se imagina e pensa de sua vida está na reserva Krahô.

Texto: Simone Crowley Krahô.

Desenho: Wilson Parkâmpen Krahô



Tipos de Solo da área Krahô

A reserva dos Krahô tem uma beleza fascinante, com cerrados, montanhas, grutas, pequenas cachoeiras, córregos, rios e matas.

A maior parte do solo da área Krahô é arenoso, sendo permeável à água. Mas também existe muito solo adequado para a agricultura. Nós plantamos roça e cultivamos vários tipos de alimentos como: arroz, feijão, melancia, batata, andu, favos, mandioca, abóbora, cana e milho. Todos esses alimentos não podem faltar para nós, na roça, porque são alimentos muito importantes para os Krahô.

Texto: Carmem Lúcia Nããkrýt Krahô.

Desenho: Carmem Lúcia Nããkrýt Krahô.



História dos povos indígenas do Tocantins

Existe no Tocantins uma população aproximada de 11.739 (mil setecentos e trinta e nove) indígenas. Todos com cultura e tradições diferentes.

São indígenas de várias etnias: Krahô, Karajá, Xambioá, Javaé (que formam o povo iny), Xerente, Krahô Canela, Apinajé, Fulniô e Pnkararú, Guajajara, dentre outros. Embora, dentre estes, a FUNAI só reconheça sete povos indígenas. Eles se distribuem em todas as aldeias indígenas do estado do Tocantins, em algumas cidades e municípios de nosso estado, vindos de várias regiões do País.

Os indígenas do Tocantins chamam a atenção pela beleza do artesanato que fazem, pelas pinturas e adornos que enfeitam seus corpos, nas festas e rituais ou pela própria simbologia.

Os indígenas que formam o povo iny falam a mesma língua, possuem os mesmos costumes e se identificam uns com os outros como parentes.

O povo Krahô, assim como os demais povos indígenas do Estado do Tocantins, organiza-se em família extensas que incluem, além da família nuclear, genros e netos.

Cada família tem o seu próprio roçado e cultiva mandioca, banana, cana-de-açúcar, milho, batata doce, cará e arroz.

O Povo Iny

O Povo Iny, que é constituído pelos Karajá, Karajá-Xambioá e Javaé, estão localizados na Ilha do bananal, dentre eles os Karajá e Javaé em aldeias distintas. Os Karajá-Xambioá, no município de

Santa fé. Os povos Iny falam a mesma língua, possuem os mesmos costumes e pertencem aos mesmos antepassados.

A característica do povo Iny Javaé pertence ao tronco Macro-Jê. Possuem a pesca, a colheita e a agricultura como atividade principal.

A comunidade Iny reúne com as famílias, além da família nuclear, genros e netos, eles são pescadores e vivem do que o Rio Araguaia oferece.

Quando chega a chuva, cada família tem seu roçado e cultiva mandioca, banana, cana-de-açúcar, milho, batata doce, cará e arroz.

O povo Iny é excelente artesão de plumária, tais como colares, brincos, braçadeira e tornozeleira, cerâmica, potes, pratos, tigelas e bonecas.

É um povo muito trabalhador.

Apinajé

Os Apinajé vivem na região Norte do Estado do Tocantins, perto do município de Tocantinópolis, Maurilândia, Cachoeirinha e Lagoa São Bento pertencem à Família Linguística Jê e ao Tronco Macrojê.

Os Apinajé sobrevivem da agricultura de subsistência, caçada, coleta de babaçu e aproveitam a palha para a cobertura de suas casas. Eles plantam milho, mandioca, batata doce e inhame. Também coletam pequi, buriti, bacaba, murici. Fazem artesanato e comercializam para as cidades vizinhas, os Apinajé possuem uma população de 1.793 indígenas, distribuídos em 24 aldeias. Eles são conhecidos como guerreiros e poderosos índios da região Norte e fazem festa, como o ritual pàrkapê.

Pankararu

Eles Estão no município de Gurupi, uma das maiores cidades do Tocantins, são originários dos Sertões de Pernambuco, Aldeia Brejo dos Padres.

Há mais de 30 anos migram para o antigo Norte Goiano, reconhecidos pela FUNAI, vivendo da criação de animais na sua reserva indígena.

Texto: Sandra Krahô e Tiago D. C Krahô

Desenho: Carmem Lúcia Krahô.



Hidrografia da Reserva Krahô

Na nossa reserva existem dois rios principais, que chamam se Manoel Alves Pequeno e Rio Manoel Alves Grande. Os Krahô estão situados nos municípios de Itacajá e Goiatins. Além desses dois rios, que estão na nossa divisa existem também o Rio Pequeno como vizinho, que fica perto da aldeia Barra e Rio Beirão do Cavalo, Rio Vermelho que ficam próximos de Goiatins, onde estão situadas as aldeias Nova e Rio Vermelho.

Os indígenas não poluem os rios, nem destrói a natureza, porque a natureza depende de nós e nós dependemos da natureza. O Rio Manoel Alves Grande fica na divisa do Estado do Tocantins e do Maranhão.

Esses rios, que ficam na reserva Krahô são muito bem cuidados pelo povo Krahô, porque neles existem muitos peixes. Precisamos preservar nossos rios, pois precisamos da água para o nosso dia-a-dia, para bebermos, tomarmos banho e cozinarmos. Não só nós precisamos da água desses rios como também os outros seres vivos. Por isso vamos cuidar dos rios que existem na nossa reserva.

Texto: Edinaldo Pirco Krahô

Desenho: Simone Crawcy Krahô



Bacuri (Cũmxê)

O bacuri é uma árvore frutífera do cerrado. O fruto é verde ou alaranjado quando está maduro. É uma fruta gostosa de comer.

Texto: Maria Rosa Amxô Kwỳj Krahô

Desenho: Maria Rosa Amxô Kwỳj Krahô



Araça (Tegràjre)

A araça é uma fruta muito gostosa. Quando fica madura, é amarela. É a fruta que comemos bastante e ela nasce na mata.

Texto: Marcela Pahnajêt Krahô

Desenho: Marcela Pahnajêt Krahô



Mangaba (Apên)

Mangaba é uma fruta que fica no cerrado. Possui uma cor é amarelada, estando madura é mais amarelada. Quando está bem madura, fica mole e contém remédio. Ela é muito boa para seres humanos, animais e também para os passarinhos.

Texto: Marcos Rõrehhõ Krahõ

Desenho: Marcos Rõrehhõ Krahõ



Caju

O caju é um fruto do cerrado. É muito gostoso, serve para nos alimentar e fazer doce. O caju é bem pequeno, e os indígenas gostam muito dessa fruta. O caju também é alimento da raposa, quando ela está com fome, alimenta-se dele.

Texto: José Messias Pêêha Krahô

Desenho: José Messias Pêêha Krahô



Tucum rasteiro (Ronre)

O tucum é um fruto do cerrado que serve como alimento, mas também para retirar o leite e o óleo. É um fruto que fica verde e depois amarelado. É um fruto muito gostoso.

Texto: Dodanin Wôôcô Krahô

Desenho: Dodanin Wôôcô Krahô



Distribuição dos Alimentos Produzidos na Roça

Antigamente os homens Krahô eram assim: trabalhavam juntos com a comunidade em duas roças e depois da produção, a comunidade se dividia no Wacmêjê e Catâmjê. Depois se dividiam em grupos, e todos recebiam um pouco de alimento.

Mas Atualmente, tudo vem mudando, e as coisas não acontecem mais assim. Os homens fazem a roça com a família ou, às vezes, sozinhos. Eles plantam em suas roças mandioca, arroz, banana, milho. Depois, chamam os amigos, os irmãos ou o pai para ajudarem a colher. Mas, só recebem os alimentos os homens que ajudaram a colher. Já para os irmãos e mãe, eles vendem ou trocam por outro objeto. Hoje em dia, o costume dos Krahô vem sendo assim. Tudo tem mudado dos tempos antigos para a atualidade.

Texto: Edinaldo Pirca Krahô

Desenho: Edinaldo Pirca Krahô



Aquecimento Global

O que é o Aquecimento global? Aquecimento global é quando o acúmulo de dióxido de carbono e outros gases, que são liberados através da queimada de fósseis ou através das queimadas, dentre outros fatores.

Formam uma camada muito densa de resíduos sob a atmosfera, com isso todo calor dos raios solares que chegam ao planeta ficam retidos na superfície, aumentando a temperatura do planeta.

Na área dos Krahô existem muitas queimadas e desmatamentos. Por isso todos nós devemos preservar a nossa reserva, para evitar o aquecimento global na nossa região.

Não devemos queimar nem destruir as matas de nossa natureza. Por que o ser humano precisa respirar bem, precisa beber água sadia. Quer viver para ser feliz. Com isso os Krahô não devem causar destruição nas matas de sua reserva nem fazer queimadas e não podem causar um desmatamento desordenado.

Texto: Natália Caxêkwỳj Krahô

Desenho: Natália Caxêkwỳj Krahô



Aquecimento Global

Um grande problema que está gerando sérias complicações em todo o mundo. Nós mēhĩ temos pouco conhecimento sobre o aquecimento global, mas pelo que eu entendi é um fato que todos nós do mundo todo, temos que nós preocupar com isso, porque devido às ações do homem, já estamos sofrendo várias consequências como: variações climáticas, degelo, tornados, furacões, enchentes e secas.

Precisamos que cada um faça a sua parte e cuide do nosso planeta porque precisamos dele para viver bem e com saúde.

Texto: Débora Intohhóc Krahô

Desenho: Débora Intohhóc Krahô



Aquecimento Global

Na nossa reserva indígena Krahô não destruimos as matas, porque somos seres humanos e precisamos delas para sobreviver, mesmo com as temperaturas mais altas onde moramos, conseguimos respirar bem melhor em relação a lugares que são noticiados na televisão, que as pessoas já sentem muitas dificuldades para respirar.

Estamos sempre trabalhando com o nosso povo para não fazerem queimadas nas chapadas, nas matas, bem como continuar preservando as margens dos córregos, pois devido às consequências do aquecimento global, no futuro pode faltar água.

Estamos aprendendo cuidar também do lixo, não o deixar espalhado por todas as aldeias, pois unidos podemos ter um planeta melhor para nós vivermos.

Texto: Reinaldo Krahô

Desenho: Débora Intohhóc Krahô



O Aquecimento Global

O aquecimento global e a elevação da temperatura do planeta também podem afetar a área indígena. Se continuarmos derrubando as árvores de forma desordenada, sem fazer um planejamento para preparação das roças para plantar arroz, fava, mandioca, andu, milho, batata doce e outros alimentos que garantem nossa sobrevivência, no futuro não teremos mais água para beber, nem matas verdes e nem o meio ambiente preservado.

Mas, também cuidamos bem da nossa área para não jogar lixo na água e na aldeia. Nós precisamos preservar a natureza e o meio ambiente. Não devemos praticar as queimadas, visto que são muito perigosas para todos nós, além disso, seremos contaminados por muitas doenças respiratórias como asma e bronquite, além das doenças como gripe, febre, dor de cabeça e diarreia.

Por isso, precisamos cuidar da nossa natureza e do meio ambiente. Todos nós temos que ter a preocupação de cuidar da natureza e do meio ambiente. Nos outros países já existe a preocupação com as ações arriscadas do homem que não tem condições de controlar e salvar a vida de todos que vivem na terra.

Vemos na televisão, os efeitos do aquecimento global com a ocorrência de furacões enchentes, queimadas sem controle, derretimento de gelo e tornados. Temos certeza de que o planeta precisa com urgência de ser cuidado e preservado.

Texto: Diana Krahô

Desenho: Diana Krahô



Aquecimento Global

Assistimos a um filme sobre aquecimento global, cujo nome era O Dia Depois de Amanhã. A partir daí, comecei a entender que o aquecimento global, na sua maior parte, é causado pelo homem que destrói a natureza e não pensa no que pode acontecer amanhã com o mundo, com nossos filhos e netos. Então entendo que devemos cuidar do meio ambiente, em geral, e tentarmos viver melhor sem destruir a natureza.

Nas nossas reservas indígenas, já sofremos as consequências do aquecimento global, no verão acontece muitas queimadas e isso não é bom, pois destrói os animais, as matas e as frutas.

Sabemos que precisamos fazer as roças para plantarmos nossos alimentos, mas esta tem que ser feita de forma planejada, para não ocasionar queimadas desordenadas e o fogo não atingir as matas e matar as árvores e animais. Principalmente os homens que destroem a vida da natureza. Isso não é bom. Não devemos derrubar as árvores perto dos rios pequenos, se não a água vai secar e os peixes vão morrer.

Temos que cuidar dos rios e córregos, não deixar o lixo perto deles, para não contaminar as águas. Retirar todo o lixo que existe perto dos rios e dentro da aldeia.

Texto: Karina Hôhkwỳj Krahô

Desenho: Karina Hôhkwỳj Krahô



Aquecimento Global

A nossa reserva já está sofrendo as consequências do aquecimento global, pois devido às queimadas já existem várias espécies de animais e frutas que estão em extinção.

Na área Krahô, onde temos desmatado para fazer as roças, muita gente tem posto fogo e degradado o meio ambiente. Temos que cuidar de nosso quintal, da aldeia e da água, não devemos, pois, jogar lixo no quintal, varrendo-o todo dia.

O clima está mudando muito, neste mês de maio está chovendo, mas não era para estar chovendo mais, porque o clima está mudando a cada ano.

Na escola, nós assistimos ao filme o Dia Depois de Amanhã, que passou muitas informações sobre o planeta, os gelos estão derretendo, os tornados estão destruindo as casas, acontecendo muitas variações climáticas em todo o mundo. Precisamos acordar e pensar em como vai ser o nosso futuro, o do nosso planeta, de nossos filhos e netos.

Texto: Karina Hôhkwỳj Krahô

Desenho: Karina Hôhkwỳj Krahô



Os Rios e Córregos da Reserva Krahô

Na área Krahô existem dois principais rios, Rio Manoel Alves e Rio Gameleira Grande, que fazem divisa entre os Cupê e os Mêhĩ. Além desses, existem também outros que são Ribeirão do Cavalos, Riozinho, Ribeirão Cachoeira e Ribeirãozinho.

Além desses rios, existem vários córregos, tais como: Ribeirão Xupé, Córrego Corrente, Baixa Grande, Córrego Brilhante, Córrego da Anta e vários outros, que existem na reserva indígena Krahô.

É importante que os indígenas cuidem dos rios e córregos da reserva, para não se acabarem, pois sem água, não existe a natureza, visto que a água é nossa fonte de vida.

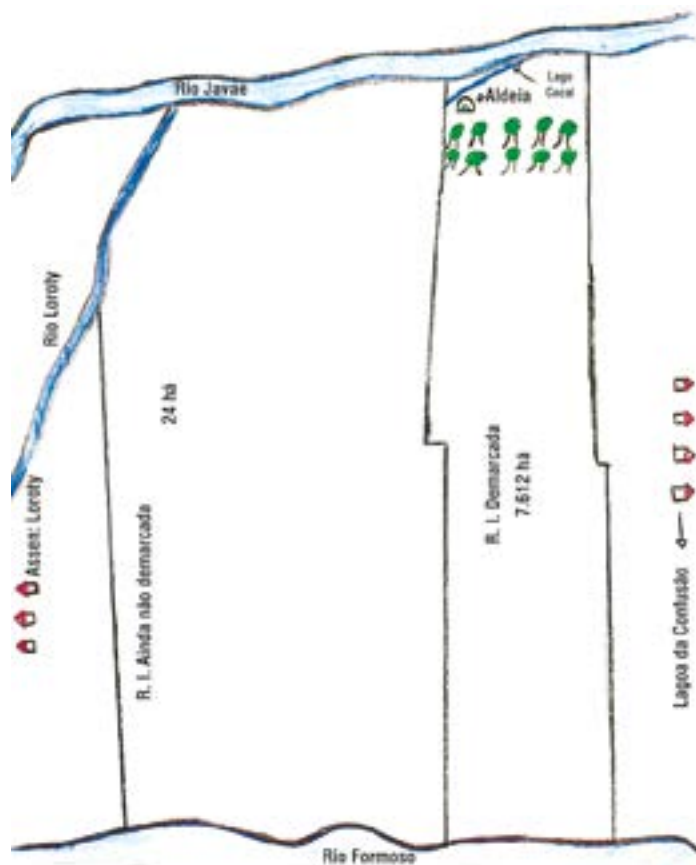
Devemos, pois, preservar todos os rios e córregos da reserva, porque precisamos realizar nossas pescarias e tiguizadas para nossa sobrevivência.

Os Krahô vêm tentando preservar os rios e córregos de sua reserva, pois não fazem roças grandes às margens dos rios, uma vez que sempre os protegem com muito cuidado, para, no futuro, possuírem seus rios e córregos com muita água e peixes, além de preservarem a natureza, de que tanto dependem para sua sobrevivência.

Texto: Edilson Kényawên Krahô

Desenho: Leonardo Tupên Krahô

Mata Alagada - Reserva Indígena Krahô-Kanela



A reserva indígena Krahô-Kanela está localizada no município de Lagoa da Confusão, no estado do Tocantins, entre os Rios Formoso, Javaé e Loroty. Sua área totaliza 31.000 km², mas atualmente a área demarcada é de apenas 7.612 km² entre os Rios Formoso e Javaé. Na época das chuvas, mais precisamente entre os meses de dezembro a maio, 90% da reserva fica alagada, sendo que o período da seca vai de maio a novembro.

As roças são feitas nos meses de junho e julho até início de agosto. As queimadas acontecem no mês de setembro. Nas roças tradicionais ou roças de toco são plantadas arroz, milho, batata, feijão, fava, inhame, sendo que as colheitas são feitas a partir de março se estendendo até o mês de maio.

Na reserva indígena Krahô-kanela existem bastantes caças e peixes. As caças mais comuns são anta, veado, servo catigueiro, porcão, tatu, raposa, paca, cutia e búfalos nativos. Já os peixes são jaraqui, tucumã, jacaré, pacu, pião, sardinha, piranha, arraia, piabanha, cachorra e piroasca.

Dentre os peixes da reserva o que está mais ameaçado de extinção é o piroasca, devido à quantidade de grande pescadores e predadores na região. As caças mais procuradas pelos Krahô-Kanela são porcão, búfalo, tatu e veado do campo, ou seja, campeiro. O búfalo é caçado a cavalo, o porcão é caçado a pé, por um grupo e para o tatu também é feita a caçada em grupo. Os peixes mais apreciados são pacu, piroasca, jaraqui e tucunaré.

Na reserva indígena Krahô-Kanela além dos rios, existem vários lagos que em toda a área totalizam 32 lagos. Na área demarcada, temos os lagos Cocal, Jaraqui, Aruamó, Búfalo, Cipó, Cobra, Vermelho, Embaúba, Jacaré e Zé. Nesses lagos existem muitos peixes, jacarés e arraias.

As roças são feitas nas matas altas e em local não alagado ou onde alaga pouco. Os Krahô-Kanela vivem muitos felizes na sua área demarcada e na luta pela demarcação do restante de sua terra de 24 ha, que somada à área demarcada totaliza 31 ha.

Texto: Wagner Katamy R.S. Krahô-Kanela

Desenho: Wagner Katamy R.S. Krahô-Kanela

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Interdisciplinaridade x interculturalidade: uma prática pedagógica Apinayé* In: Revista Cocar / Universidade do Estado do Pará v. 3, n.6,_. Belém: EDUEPA, jul./dez. 2009.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC, 1998.

SOUZA, Thiago Tavares de. Pezzato, João Pedro. *A Geografia escolar no Brasil, de 1546 até a década de 1960*. In: História do pensamento geográfico e epistemológico em geografia/ Paulo R. Teixeira Godoy (org.). – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MAGALHÃES, Gledson Bezerra. NETO, Francisco Otávio Landim. *A geografia e a educação indígena: uma análise dos documentos normativos*. In: Revista Brasileira de Educação Geográfica, Campinas, v. 3, n.5, p. 82-97, jan./jun., 2013.

